

Shawã Shãdipahu

Histórias do Povo Shawãdawa (Arara)



Edílson Pereira Iskuhu ♦ **Francisca Oliveira de Lima Diaka**

João Napoleão Pereira Nai Tãde Iskuhu ♦ **José Arenilton Pereira da Silva Mãku Shawã**

MUSEU DO ÍNDIO – FUNAI
COMISSÃO PRÓ-ÍNDIO DO ACRE

2009

SHAWÃ SHÃDIPAHU

Histórias do Povo Arara

CPI/AC



O surgimento da lua

Ushe Shādipahu

Era um irmão que perseguia a própria irmã. Todas as noites ele ia se deitar com ela. A irmã não sabia e se perguntava desconfiada: “Mas quem é que vem atrás de mim toda noite? Durante o dia não vem, só à noite...”. Um dia, ela teve uma idéia. Saiu, pegou jenipapo, ralou. Na hora de dormir, ela se deitou e botou o jenipapo embaixo de si. Já era tarde da noite, estava tudo silêncio, ele chegou e perguntou: “Tu já está dormindo?”. Ela respondeu: “Não estou dormindo não, estou acordada”. O rapaz se deitou com a irmã. Ela pegou o jenipapo, passou na cara dele e pensou: “Amanhã vou descobrir quem é ele!”.

No dia seguinte, eles iam atacar outra maloca. Eles iam matar Ruahūdawa. Bem cedinho, o pessoal estava se ajeitando para ir guerrear. Ela tinha feito caçuma e estava servindo os homens. Então eles chamaram o irmão dela: “Cadê fulano que não está aqui? Bora lá chamar ele!”. Ele chegou. Ela olhou, era o seu irmão que estava com jenipapo passado na cara.

Ela disse: “Ah, seu desgraçado, você sendo meu irmão, você anda atrás de mim! Podendo ser outra pessoa e é você que anda atrás de mim!”. Ele se escondeu. No momento em que os outros estavam saindo, ele pegou sua flecha e correu com eles. Ela disse: “Tomara que você não volte mais! Tomara que matem você e rolem o teu pescoço!”.

De fato, os Ruahūdawa o mataram, rolaram o pescoço dele e jogaram a cabeça. O seu pessoal também matou um bocado de Ruahūdawa e foram embora, voltaram. Mas um deles ficou perdido na mata. De tardezinha, ele ia passando, a cabeça chamou: “Primo!”. Ele respondeu: “O que é?”. “Primo, me mataram, mas deixaram só a minha cabeça. Por favor, não me deixe sozinho!”. Ele respondeu: “Não, primo, não te deixo sozinho”. Na boca da noite, a cabeça disse: “Bom, primo, escolhe aí um pau pra gente passar a noite”. O primo dele escolheu um pau. Ele pediu: “Tu me bota numa

sacupemba e tu fica na outra”. Ele passou a noite pedindo água: “Primo, estou com sede! Vai buscar água pra mim?”. Seu primo já estava rezando que amanhecesse o dia.

Às cinco horas da madrugada, ele falou: “Primo, quando você for embora, me chama”. Mas quando o dia começou a clarear, ele saiu escondido. A cabeça chamou: “Primo, me espera!”. A cabeça foi se embolando atrás dele. O seu primo caiu na água, atravessou para o outro lado do igarapé e a cabeça continuou atrás, gritando: “Primo, me espera! Me espera que eu vou atravessar o igarapé também!”. A cabeça – tchibun! – caiu na água e saiu nadando. Até que enfim conseguiu atravessar o igarapé e continuou se embolando atrás dele. Ele chegou em casa e gritou: “Meu pessoal, abre a porta logo pra eu entrar que a alma vem atrás de nós!”. Abriram a porta, ele entrou, fecharam a porta. Passado um tempo, a cabeça chegou: “Abre a porta, mãe! Abre a porta que eu quero entrar!”. Todos ficaram calados, ninguém respondeu. Ele insistiu chamando a sua mãe, mas ela não respondeu de jeito nenhum.

Ele pensou: “Mamãe não quer abrir a porta... O que vai ser de mim agora? Eu vou pensar o que vai ser de mim agora...”. Então ele disse: “Vou virar buraco!”. Mas pensou de novo: “Não, sempre o pessoal gosta de matar cutia com fogo, podem botar fogo em mim e queimar a minha boca”. “Sim, vou virar cupim!”. E pensou de novo: “Não, se eu virar cupim, sempre as mulheres gostam de tirar periquitinho de lá, vão me cutucar, vão rasgar a minha barriga”. “Vou virar barriguda [tipo de árvore]!”. “Não, se eu virar barriguda os meninos podem cortar e espocar minha barriga”. E, assim por diante, ele continuou pensando.

Até que ele disse: “Bem, agora eu vou virar lua!”. Ele chamou: “Mãe!”. Ela disse: “O que é?”. “Mãe, me joga o carretel de linha que a mamãe fiou pra mim! Eu sei que vocês estão com medo, mas faz ao menos um buraco na palha pra jogar pra mim aqui fora”. Ela fez um buraquinho na palha e jogou o carretel para ele.

Ele jogou a linha para o céu. A linha foi até lá em cima, mas não deu para chegar até o chão. Ele pediu: “Mãe, me dá mais outro carretel?”. Ela deu. Dessa vez ele jogou e a linha chegou mais perto do chão. “Mãe, me dê mais outro!”. Ele jogou e finalmente a linha chegou até aqui embaixo. Ele disse: “Bem, meu pessoal, vocês não querem que eu entre dentro de casa, então agora eu vou embora. Agora eu vou embora para sempre, para nunca mais voltar aqui”. Nesse tempo, ninguém nunca tinha visto a lua. Ele foi subindo na linha e disse: “Daqui a três dias vocês vão ver a lua nova, que sou eu”. Ele continuou subindo. Chegando na metade da viagem, a mãe dele começou a chorar: “Lá vai meu filho,

lá vai meu filho! Desce, meu filho, desce!”. Ele respondeu: “Ah, mãe, eu não volto mais! Vocês tiveram raiva de mim, não quiseram deixar eu entrar em casa, eu não volto nunca mais! Mas daqui a três dias podem esperar que vocês vão me ver”. Ele continuou subindo e foi embora. Passados três dias, eles olharam para o céu e viram a lua nova. Eles disseram: “Lá está ele acolá!”.

Foi a partir desse dia que a gente começou a ver a lua nova. (Hoje dizem que é São Jorge, mas aquela marca é da mão da mulher que passou o jenipapo na cara do irmão dela).



O surgimento do cipó (ayahuasca)

Tsibu Shādipabu

Havia um pajé que era muito sabido. Um dia, ele adoeceu. Seus filhos tomaram rapé e cantaram durante muitos dias, mas ele não se curou. Na hora da morte, ele disse para o filho: “Meu filho, no dia que eu morrer você não bota meus pés do lado poente, você bota do lado nascente”. Os filhos disseram: “Sim, pai”. Dizendo isto, ele se acabou, morreu.

No enterro, seus filhos se esqueceram e botaram seus pés virados para o poente. Ele disse: “Meus filhos, eu não disse pra vocês que não botassem os pés dele no lado poente? Pois agora ele mesmo vai se colocar!”. Ele se levantou, colocou a perna dele para o lado nascente. Os filhos choraram de medo e pediram a ele que não fizesse mais aquilo. Enterraram-no e foram embora, muito tristes.

Depois de três dias, o irmão mais velho disse: “Meus irmãos, bora procurar alguma coisa pra comer! Nosso pai se acabou, mas nós temos que comer”. Eles foram caçar e mataram caça. Eles estavam voltando, passando pelo roçado, perto de onde o pai estava sepultado, quando o japó-galinha gritou: “kan, kan, kan, kan, kan”. O morto começou a gemer: “uuuuuummmmm, *yamĩ, yamĩ*, uuuuuuummmmm, *yamĩ, yamĩ*”. Os filhos correram com medo e pediram que ele não fizesse mais aquilo. Ele se calou.

Passado muito tempo, um dia eles foram à sepultura do pai. Chegando lá, viram que na cova estava nascendo um matinho. Eles pensaram: “Rapaz, o que é isso?”. O outro irmão disse: “Bora deixar aí mesmo, vamos deixar crescer o que o nosso pai deixou pra nós”. Poucos dias depois, viram um outro pezinho nascendo. O irmão mais velho disse: “Vamos deixá-lo aí, vamos ver o que vai dar”.

O cipó foi crescendo, crescendo, até que enramou-se por cima da cova. O outro pé também cresceu e já começou a soltar pimenta. O irmão mais velho disse: “O que é isso? Bora fazer um preparo para experimentar?”. Os outros per-

guntaram: “Mas como nós vamos preparar esse cipó?”. “Nós não podemos fazer outra coisa, vamos cortar um pedacinho de pau, machucar, botar no fogo e vamos ver o que vai dar”. Então prepararam só o cipó, mas não deu.

A pimenta também já estava madura. Eles a tiraram, fizeram espeto e a assaram. Eles perguntaram: “Como nós vamos fazer essa pimenta? Bora fazer rapé?”. Eles fizeram rapé com a pimenta e tentaram tomar, mas não agüentaram porque ardia muito. O irmão mais velho disse: “Espera aí, eu vou comer essa pimenta e vou tentar botar feitiço em algum dos nossos amigos pra ver se ele morre”. Com poucos dias, o cara morreu. Ele disse: “Bem, agora eu sei que isto é bom!”.

Um dia, o irmão mais velho sonhou como se preparava o cipó. Ele sonhou com um cara lhe mostrando a folha da floresta para misturar. Ele achou a folha, a trouxe e preparou o cipó. Eles tomaram e já foram vendo a transformação do cipó. Foi de lá para cá que nosso povo Shawãdawa começou a tomar cipó.



Yuwaxi, o homem sovina

Yuwaxi

Antes, o nosso povo não tinha fogo, não tinha milho, não tinha roça, não tinha banana. Somente quem tinha tudo isso era *Yuwaxi*. Quando eles iam visitá-lo em sua casa, *Yuwaxi* os recebia bem, dava-lhes de comer. Mas quando eles pediam para plantar, ele era muito sovina e não dava nada para ninguém.

Eles pediam milho para *Yuwaxi*: “Primo, eu vim aqui pra você me arrumar uma espiga de milho pra eu plantar”. *Yuwaxi* sapecava o milho e lhes dava. Eles faziam roçado, plantavam, mas o milho não nascia.

Eles pediam filho de banana para plantar. *Yuwaxi* cortava no meio e lhes dava. Eles iam plantar e a banana não pegava.

Eles pediam maniva e acontecia do mesmo jeito. *Yuwaxi* tirava os olhos, rapava, quando eles iam plantar, a roça não nascia.

Um dia, o rouxinolzinho (*txiitxi*) acordou e disse: “Meu pessoal, hoje eu vou carregar milho do nosso primo *Yuwaxi*”. “Como você vai carregar?”, perguntaram. Ele respondeu: “Hoje eu trago milho! De hoje pra frente nós vamos ter milho, vocês vão ver!”. No outro dia, bem cedinho, o rouxinolzinho se foi.

O rouxinolzinho chegou na casa de *Yuwaxi*. Ele estava debulhando milho e contando: dois caroços, dois, dois, dois... (ele contava de dois em dois). *Yuwaxi* viu o rouxinol e disse: “Primo, vem pra cá que eu estou debulhando milho”. Recebeu ele bem recebido, deu-lhe de comer e ofereceu caçuma para beber. *Yuwaxi* terminou de contar, encheu o *txiixã* [cesta] dele e disse: “Primo, tu fica aqui que eu vou ali no mato e volto já. Mas tu não vá mexer o milho!”. “Não, primo, não sou menino, não! Pode ir sem medo que não vou mexer em nada seu”. *Yuwaxi* andou um pedaço e olhou para trás: “Olha, primo, tu não vá mexer!”. “Primo, vai fazer seu trabalho que eu estou aqui sossegado no meu canto”.

Enquanto *Yumaxi* fazia a precisão dele, rapidamente o rouxinolzinho tirou um caroço de milho, arregaçou o pênis, colocou o caroço dentro, amarrou com o cinto de envira, fechou o bofete e ficou sentado. *Yumaxi* chegou de volta e disse: “Primo, você não mexeu no meu milho, não, primo?”. “Não, primo, eu não mexi no seu milho, você pode contar”. Ele contou e, ao final, ficou faltando um caroço. (Se ele tivesse carregado dois caroços, *Yumaxi* não descobria, mas ele carregou só um..).

Yumaxi perguntou: “Primo, tu não carregou milho não, primo?”. “Não, primo, do jeito que eu estava quando você saiu, eu continuo aqui sentado”. “Então deixa eu ver dentro do teu cabelo!”. Mas não tinha nada. “Abre a boca!”. Nada. “Buraco do ouvido!”. Nada. “Buraco da ventral!”. Nada. “Entre os dedos!”. Nada. “Entre os dedos dos pés!”. Nada. “Vira a bunda para eu ver!” E nada. O rouxinol disse: “Está vendo, primo, eu não carreguei nada!”. “Então arregança a minhoca!”. “Primo, eu não sou menino para fazer esse trabalho para você!”. “Ah, então foi você mesmo que carregou! Espere aí que eu vou já te matar!”. *Yumaxi* pegou seu *axi* [lança] de ponta de pupunha e quando já ia abarcando no rouxinol, ele - “txi-txi-txi-txi” - entrou dentro da palha do milho que tinha sido debulhado.

Yumaxi pegou um tição de fogo e tocou fogo na palha. O fogo pegou e, com pouco tempo, um rato que estava dentro espocou - tãããuu! *Yumaxi* pensou que era o rouxinol e disse: “Taí, desgraçado, agora quero ver tu levar o meu milho para plantar!”. Mas o rouxinol já tinha escapado e estava assistindo a tudo, escondido na touceira de banana.

O rouxinol chegou de volta em casa e os outros perguntaram: “Cadê, primo, você trouxe o milho?”. “Está aqui!”, ele disse. Eles plantaram, o milho cresceu, mas só deu duas espigas. Esse milho eles não repartiram, fizeram outro roçadinho e o plantaram de novo. Dessa vez deu mais milho, mas novamente eles não repartiram, se reuniram e fizeram um roçado ainda maior. Só então repartiram o milho entre todos e cada qual ganhou uma espiga.

Um dia, o jacaré disse: “Nosso primo rouxinol já carregou milho, agora eu vou pegar a roça dele para nós plantar!”. No outro dia, o jacaré chamou os outros e eles foram.

O roçado de *Yumaxi* era na beira do igarapé. O jacaré tentava subir o barranco pelos galhos, mas era muito difícil, porque tinha muita caba, tucandeira, marimbondó... E debaixo do tronco das roças, tinha cobra de toda qualidade: pico de jaca, surucucu... Nos galhos, ainda tinha cobra papagaio. O jacaré ia subindo, mas quando via os insetos, faltava-lhe coragem e ele voltava para trás.

Os outros perguntaram ao jacaré: “Primo, como nós vamos fazer para tirar a roça?”. O jacaré respondeu: “Embora que eles comam a minha carne misturada com macaxeira, mas agora eu vou buscar!”. Nesse tempo, o jacaré era liso igual calango, ele não tinha aqueles calombos. Ele subiu o barranco, agarrou o galho da roça e o arrancou. As cabas cobriram o jacaré. Ele correu e caiu dentro do remanso. As cabas aproveitaram, ferraram-no todinho, mas ele não soltou o galho de maniva. Quando chegaram, fizeram o roçado, plantaram, e repartiram a roça entre todos. O jacaré voltou todo calombado, ferrado de caba. Por isso que hoje em dia ele é todo caroçudo.

Um dia, o periquito-bico-de-ferro (*txere*) disse: “Bem, o nosso primo rouxinol já carregou milho, o nosso primo jacaré já carregou macaxeira, agora eu vou carregar o fogo dele. Vamos juntar todos nossos primos, vamos escolher um toco seco para assentar o fogo que eu vou buscar agora”. Os bichos se combinaram e bateram no açacu [tipo de árvore] para chover. Quando começou a chover, o periquito saiu.

Ele voou, voou e caiu no terreiro de *Yumaxi*. Ele caiu e gritou, enganando, fingindo que era filhotinho. A mulher de *Yumaxi* levantou-se e disse: “Marido, olha ali o periquitinho se molhando! Vá buscar ele pra mim!”. *Yumaxi* se levantou, pegou o periquito e o trouxe para dentro de casa. Como ele estava todo molhado, colocaram-no na beira do fogo. A brasa estava grande, *Yumaxi* o cobriu com um paneiro.

A mulher estava deitada de um lado e *Yumaxi* do outro. De vez em quando, o periquito metia o bico e levantava o paneiro para puxar a brasa do fogo, mas a mulher sempre estava vendo: “O periquito vai se queimar, bota ele lá dentro!”. *Yumaxi* pegava o periquito e o cobria de novo. As horas se passaram, eles pegaram no sono. Nesse tempo, o periquito bico de ferro tinha o bico comprido como o do tucano. Ele aproveitou que eles estavam dormindo, puxou a brasa com o bico e voou – “tchen-tchen-tchen”. A mulher gritou: “Marido, lá vai o periquito levando brasa de fogo!”. *Yumaxi* pulou com a vara na mão, tentou bater no periquito, mas ele escapou e foi embora.

Na maloca deles tinha um toco seco. Todos os pássaros – jacu, urubu, mutum, jacamim – já estavam ao redor do toco, com as asas abertas, esperando o fogo chegar. O bico do periquito já estava queimando. Ele chegou, jogou a brasa no toco e caiu. Enterrou logo a cabeça na lama porque a queimadura estava doendo. Por isso que hoje em dia o periquito-bico-de-ferro tem o bico curtinho. Os outros pássaros sopraram o fogo até pegar e, depois, o repartiram entre eles.

Então eles disseram: “E agora, o que nós vamos fazer?”. “Agora bora matar *Yumaxi*! Vamos tomar tudo o que ele

tem!”. “Mas como vamos fazer pra matar?”. “Vamos chamar nosso primo tatu-canastro e vamos pedir para ele cavar um buraco fundo. Quando *Yumaxi* escutar que nós viemos, ele vai pular e cair dentro do buraco”.

Assim fizeram. Foram lá à noite e chamaram o tatu-canastro. O tatu-canastro aceitou, entrou dentro da terra e começou a cavar o buraco.

Mas ele fazia muito barulho quebrando as raízes: truco, truco, truco. Eles disseram: “Rapaz, desse jeito *Yumaxi* vai escutar, vai acordar e dar fé”. “Bora chamar nosso primo tatuzinho-rabo-de-couro!”. O tatuzinho chegou e entrou lá dentro. Às cinco horas da madrugada, ele saiu: “Já está tudo pronto!”. O buraco era bem fundo e grande, do tamanho do terreiro. Eles disseram: “Agora vamos lá, vamos matar *Yumaxi*!”.

Eles estavam se aproximando, quando os animais de criação de *Yumaxi* - papagaio, arara, aracuã, tucano - começaram a gritar, avisando. Eles disseram: “Lá vem ele!”. *Yumaxi* pegou seu *vīdu* [borduna] e partiu para o ataque. Mas ao pular no terreiro, caiu dentro do buraco fundo e ficou lá deitado. Eles disseram: “Bora matar ele!”.

O bico-de-brasa (*tikiñ*) foi o primeiro a flechá-lo, por isso que hoje ele tem o bico e as penas vermelhas, do sangue de *Yumaxi*. Todos os outros pássaros que hoje em dia têm as penas vermelhas também o flecharam. O jacamim (*dea*), por sua vez, melou o bico no fel de *Yumaxi* e por isso ficou meio azul. Ele bebeu toda caçuma de *Yumaxi*, ficou bêbado e caiu em cima da cinza. Por isso ele tem a bunda branca.

Depois de matarem *Yumaxi*, eles também mataram sua mulher e toda sua família. Eles disseram: “Agora que nós já matamos, como vamos fazer para tirar ele do buraco?”. Cada qual entrava dentro do buraco, tentava suspendê-lo, mas não conseguia. O periquitinho estava em pé espiando e falou: “Tamanho de homem que vocês são e não podem com ele! Agora sou eu que vou jogar ele fora”. “Nós que temos mais força não jogamos, quanto mais você!”. “Mas eu jogo, vocês vão ver!”.

O periquitinho entrou no buraco, pegou *Yumaxi* pela cintura e o jogou lá em cima. Os outros disseram: “Bem, tu pegou pela cintura dele e o jogou lá em cima, tu agora vai se chamar periquito [*pītsu*].”¹. De repente, ele se encantou

¹ Os pássaros “viraram” na hora da morte de *Yumaxi* e por isso seus nomes estão relacionados à ação que cada um praticava naquele momento. Entretanto, essa relação só é perceptível em língua shawādawa. Por exemplo, aquele que veio a se tornar o periquito o ‘pegou pela cintura’ – *pītsukī* – e por isso passou a se chamar *pītsu*. O mesmo aconteceu com a mabira e outros animais que testemunharam a morte de *Yumaxi* (Nota da organizadora).

– “tse-tse-tse-tse” – e já saiu carregando cupim para fazer o seu ninho. Eles disseram: “Agora nosso primo já virou periquito”.

Então perguntaram à mambira: “O que foi que tu fez, primo?”. “Eu carreguei o *vīdu* [borduna] dele”. “Ah, então tu é mambira [*vīvi*]!”. E ela já saiu cutucando formiga para comer. E assim por diante, cada um foi virando e já saíram cantando.

Os pássaros foram virando e foram indo embora. Só restou o japó-galinha, a arara, o pinica-pau e o kujubim na beira de um rio largo, o Solimões. Esses ainda não tinham se transformado. “Agora, como nós vamos atravessar esse rio grande?”. “No fim do mundo vai ficar a nossa história”. Havia um pé de cumaru no barranco, do outro lado do rio. O pinica-pau disse: “Eu vou primeiro!”. Ele voou, voou, voou, mas, já chegando no pau, ele desceu. Havia um balseiro e o jacaré estava boiado, o pinica-pau achou que era um pau e pousou em cima de sua cabeça para tomar fôlego. O pinica-pau foi picar a cabeça do jacaré e ele se afundou. Por isso, hoje em dia o pinica-pau ainda tem um rabinho meio molhado. Mas ele conseguiu voar até a margem e entrou na mata.

Então foi a vez do kujubim [*kushu*], ele disse: “Bem, agora quem vai sou eu”. Voou, voou, voou, mas, quando chegou na metade do rio, desceu, não conseguiu atravessar pois o rio era muito largo. Por isso, hoje em dia, o Solimões se chama *Kushupa Kēdi* [rio em que caiu o kujubim].

O japó-galinha disse: “Agora quem vai sou eu?”. Voou, voou, voou, já estava para não agüentar, até que chegou. Quando ele agarrou no galho do cumaru, bateu asa – pe, pe, pe, pe, pe! -, virou a cabeça para baixo e cantou: “tu-ku-ru-ku...”.

Só restou a arara: “Agora quem vai sou eu!”. A arara foi devagarzinho, até que chegou no pé do cumaru. Ela já chegou cantando: “rá, rá, rá!”.

Somente o japó-galinha e a arara conseguiram chegar no pé de cumaru. O pinica-pau entrou na mata e o kujubim caiu dentro do rio.



História do gavião real (a geração dos povos indígenas)

Tete pawã

O gavião real morava em um pé de samaúma perto de uma casa. Ele estava comendo todos os meninos da aldeia e só tinha sobrado um único menino, o derradeiro.

Um dia, o pai desse menino estava indo tomar banho às seis horas da tarde. Os cururus estavam cantando – “*kuê, kuê, kuê*” –, estavam bebendo a caiçuma deles. O velho estava passando, parou e disse: “Rapaz, por que os cururus estão cantando? Ah, se esse cururu fosse gente, me ensinava o remédio para eu matar o gavião real!”. Ele continuou seguindo o seu caminho.

De repente, o velho virou-se para trás e estava um caboclinho em pé: buchudinho, olhudo e de canela fina. Ele disse: “Primo, quem é você?”. “Sou eu”. “Eu quem?”. “Nós estávamos bebendo a nossa caiçuma, dançando, você passou lá e desejou que eu fosse gente, então eu vim aqui saber por que você estava dizendo isso comigo”. “Ah, primo, nem te conto, é porque o gavião real está acabando com nossos filhos. O meu menino é o último que sobrou”. “Por que você não mata esse gavião real?”. “Como a gente pode matar, se o bicho é tão grande!”. “É fácil de matar, eu vou lhe ensinar. Você tira muito barro, um barro bem ligado, e faça do tamanho de um menino. Tu faz o cabelo, os olhos, os braços, faz um chapéu de palha de cocão e bota na cabeça dele. Faça isso à tarde e deixe ele bem no meio do terreiro. Quando o gavião real agarrar, pensando que é um menino, você assopra esse veneno nele”.

No outro dia, bem cedinho, o gavião foi caçar. O homem fez o menino de barro e o colocou encostado no toco, ele ficou em pé. Às quatro horas da tarde, o gavião chegou no galho da samaúma. O gaviãozinho estava gritando de fome – “*vis, vis, vis*” –, mas ele não tinha trazido nada. O gavião viu o menino em pé no terreiro e voou direto em cima dele. Tentou pegar o menino, beliscou, mas o barro caiu e ele ficou com o bico e as unhas enterrados. Ele estava se de-

batendo, tentando sair, quando o velho chegou perto e assoprou veneno no gavião real. O gavião se debateu ainda algum tempo, até que conseguiu se soltar, voou e foi embora. No dia seguinte, de madrugada, o gavião começou a gemer. Às cinco horas da manhã, o gavião desabou lá de cima – peeeeeeei! –, caiu lá embaixo e morreu. Os outros correram: “bora ver o gavião, bora ver o gavião!”. Levaram-no para casa, pelaram-no e cada qual ficou com uma pena para enfeitar a sua flecha. Guardaram as penas na cesta e comeram o gavião. Eles disseram: “Agora bora matar o gaviãozinho!”. Subiram na árvore, mataram os filhotes do gavião e os comeram também.

Depois de três dias, a cesta onde as penas estavam guardadas começou a se mexer. O velho se perguntou: “Mas por que essas baratas estão comendo as minhas penas?”. No dia seguinte, o velho foi olhar e as penas estavam do mesmo jeito. Na noite seguinte, aconteceu a mesma coisa. Ele pensou: “Mas o que será que mexe tanto na minha cesta cortando as minhas penas?”. No outro ele foi olhar e as penas estavam do mesmo jeito. No terceiro dia, quando ele abriu a cesta, tinha índio de todo jeito. Cada qual tinha uma flecha enfeitada de pena de gavião e eles pularam de dentro da cesta cantando: “*vay, vay, vay, he, he, he,he ...*”. Foi das penas do gavião real que todos os povos indígenas surgiram: Bařidawa, Baidawa, Shanedawa, Deãdawa, Pirãdawa, Kutanawa, Kamãdawa, Kaxidawa, Yawãdawa, Kamãdawa, Shipidawa, Vekudawa, Rukuahudawa. Eles nunca tinham brigado entre si e foi a partir desse tempo que começaram a guerrear.

Quando os meninos o viram, quiseram correr. Ele falou: “Não corram, meus filhos! Eu não vou fazer nada, eu sou avô de vocês”. Chegou, abraçou os quatro meninos e chorou. (Mas esse velho tinha ajudado a matar os pais dos meninos). Ele pediu para eles não ficarem mais naquele local, com medo dos Ruah¹/₄dawa os matarem. O próprio velho fez um tapiri mais distante e levou roça e banana para eles comerem.

O tempo passou e o caburé cantou de novo. O Ruahūdawa disse: “O caburé cantou, amanhã eu vou espiar naquele rumo”. “Eu vou!”, disse o velhinho novamente. De novo, ele levou roça e banana para os meninos comerem. O velho disse: “Meus filhos, no dia que acabar a roça e a banana, vocês vão tirar, mas não arranquem de um canto só. Vocês se espalhem, vai cada um por um lado. E quando vocês arrancarem a roça, deixem o pé enfiado, se não alguém pode desconfiar e querer matar vocês”. Quando acabou a roça, eles fizeram do jeitinho que o velho mandou.

E assim passaram os anos, os meninos foram crescendo, as meninas foram crescendo. De tempos em tempos o velho vinha visitá-los. Os rapazes já estavam formados e se ajuntaram com as suas próprias irmãs. Elas engravidaram, tiveram filhos, e assim a população foi aumentando. O velho disse: “Bem, meus filhos, aqui vocês não podem mais ficar. Vocês vão mais pra longe, porque estão aumentando”. Eles mudaram de local, fizeram casa, botaram roçado e de lá não saíram mais. De repente aumentaram e fizeram duas malocas, duas aldeias.

Um dia, quando esses quatro meninos já eram velhos, um deles disse: “Meus filhos, meus netos, eu nunca disse nada para vocês, agora eu vou contar: aquele velhinho que vem nos visitar, foi ele quem ajudou a matar nosso pessoal, foi ele que matou o avô de vocês”. Os meninos ficaram revoltados e disseram que quando ele viesse novamente iriam matá-lo. Eles tinham muita criação: papagaio, arara, aracuã. Quando o velho já vinha chegando, à tarde, os pássaros começaram a gritar. O menino mais velho viu, disse: “Agora vou desafiar o velho!”. Seu pai pediu: “Meu filho, não faça isso com o velho seu avô, não faça isso com ele”. Mas o menino respondeu: “Eu vou desafiar ele! Do jeito que eles mataram nosso pessoal, nós vamos matar eles também”. Levantou-se e foi ao seu encontro, desafiando: “*Vay, vay, vay, he, he, he, he. Vay, vay, vay, he, he, he, he...*”.

O velho parou e ficou escutando: “Eu nunca pensei que vocês fossem fazer isso comigo...”. Nessa hora, o velho quis voltar, mas o pai do menino disse: “Não volte! Venha!”. Implorou e foi buscá-lo. O velho chegou na maloca, deram-lhe de comer e de beber e ele dormiu.

No dia seguinte, cedo, ele disse: “Está bem, depois do tanto que eu trabalhei para criar vocês, agora vocês estão me desafiando. Vocês agüentem o tempo que eu vou contar pro pessoal, pros Ruahūdawa. Eles não são meus parentes, mas eu estou no meio deles. Eu fiz toda a defesa quando vocês eram pequenos e agora que já estão grandes, criados, estão me insultando! Agora vocês agüentem, eu vou contar pra eles!”. O menino respondeu: “Pois pode contar, é assim que nós queremos, pode contar!”. Cada qual deu uma flecha para o velho.

No momento em que o velho saiu, eles o acompanharam. Chegando perto da aldeia, já fizeram o cerco. O velho entrou na maloca e contou para os Ruahūdawa. Todos se animaram porque iam matar Shawādawa de novo. Mas os meninos já haviam chegado e já saíram matando todos. O velho ainda gritou: “Meus filhos, não me matem!”. O menino disse: “Foi você que matou nosso pai também!”, e matou o velho.



O povo Iri

Iridawa

Morava em uma maloca muita gente. Eles já moravam há muitos anos nesse lugar e quase todos os dias escutavam a zoadá de outro povo. Eles ouviam menino chorando, homem açoitando mulher, brincadeira de mariri, mas eles nunca tinham se encontrado.

Um dia, um homem disse: “Mulher, faz uma pipoca, torra o milho e faz fuba pra mim que eu vou encontrar com aqueles nossos parentes”. No dia seguinte, ele saiu com mais um companheiro. Andaram muito e não chegaram. No outro dia, do mesmo jeito: andaram muito e não os encontraram. Onde eles dormiam, escutavam os gritos do pessoal, ouviam a conversa deles, mas não os alcançavam. Passaram três dias andando, o rancho deles acabou e eles voltaram para trás de novo.

Chegando em casa, os outros perguntaram: “Cadê, rapaz, vocês não encontraram?”. “Não, não encontramos”. Um outro rapaz disse: “Vocês não encontraram, então agora quem vai sou eu!”.

Ele disse para sua mulher: “Mulher, torra o milho, faz uma pipoca, mas faz muita fuba pra eu comer na viagem que eu só volto pra casa quando eu encontrar eles. Se eu não encontrar, eu não volto”. Ele chamou seu primo: “Primo, bora mais eu?”. Eles foram, viajaram no mesmo dia.

À noite, quando eles pararam para dormir, ouviram o pessoal conversando alegre e satisfeito, na maior animação. Ele disse para o primo: “Amanhã muito cedo nós vamos encontrar!”. No outro dia viajaram de novo, mas não os encontraram. Eles se perguntavam: “Rapaz, onde é que eles moram que nós não conseguimos encontrar?”. Somente no quarto dia eles conseguiram chegar.

Eles chegaram aos pés de uma terra grande, uma terra alta. Um deles disse: “Vamos subir esta terra? Pode ser que

eles estejam lá em cima”. Eles subiram, subiram, subiram. Chegaram em cima da chapada e avistaram o roçado deles, tão grande que a vista não alcançava.

Eles se aproximaram. Os *Iri* os viram e os chamaram. Eles foram bem recebidos. Os *Iri* lhes deram de comer, caíçuma para beber e rede para eles se deitarem. Eles comeram, se deitaram e conversaram até tarde. Os *Iri* lhes contaram que lá ninguém morria. O rapaz então pediu: “Primo, canta pra mim a sua cantiga pra não morrer? Eu quero aprender”. O *Iri* respondeu: “Não, primo, não vou cantar hoje, não. Você está enfadado, você pode dormir que amanhã eu canto”. Mas ele insistiu: “Não durmo, não, primo. Canta pra mim!”. Ele pelejou, até que o *Iri* disse: “Bem, eu vou cantar, mas tu não vá dormir, primo!”.

O *Iri* cantou, cantou, cantou. O rapaz escutou um pedaço, mas depois pegou no sono, perdeu a cantiga do *Iri*. Quando o rapaz acordou, o *Iri* já tinha terminado de cantar. Ele pediu para repetir, mas o *Iri* não cantou mais de jeito nenhum. Só quem escutou a cantiga foi o calango, a cigarra, o mulateiro, a cobra, o lagarto, a aranha e a barata. Por isso hoje eles descascam, porque ouviram a história do início ao fim. (Se o rapaz tivesse escutado a cantiga inteira, hoje em dia a gente também não morreria. O velho descascaria e voltaria a ser rapaz de novo).

No outro dia, os rapazes disseram para o *Iri*: “Primo, eu quero que você me dê as suas flechas pra eu mostrar pro meu pessoal”. No terreiro do *Iri*, havia vários pés de pupunha. Eles tiravam a bucha da pupunha e socavam as flechas lá dentro, até em cima. O *Iri* disse que se ele tivesse coragem de aparar um pé de pupunha no ombro, ele ganharia as flechas.

O *Iri* perguntou: “Primo, você não vai deixar quebrar minha flecha, não?”. “Quebro não, primo”. O rapaz se aproximou do pé de pupunha e ficou esperando-o cair. O *Iri* subiu lá em cima e o cortou. Ao ver a pupunha cheia de espinhos vindo em sua direção, o rapaz deu um pulo para o lado e a deixou cair no chão. Ele olhou e era uma ruma de flechas, estavam todas quebradas e espalhadas pelo chão. O *Iri* ficou bravo e falou: “Primo, tu já perdeu a cantiga e agora deixou quebrar minhas flechas! Por que tu está acabando com o que eu tenho, primo?”.

Vendo as flechas quebradas no chão, o outro rapaz também ficou bravo e pediu para o *Iri* derrubar outro pé de pupunha. O *Iri* disse: “Não derrubo, não! Teu companheiro já fez eu quebrar muitas flechas!”. Mas ele insistiu: “Pode fazer que eu agüento!”. “Agüenta mesmo? Então vai pra ali”. O rapaz ficou bem embaixo do pé de pupunha e abriu

os braços, esperando-a cair. O *Iri* cortou a pupunha, ela começou a descer – uuuunnnnn! Ela chegou perto e o rapaz agüentou, não teve medo. A pupunha deitou no seu ombro bem devagarzinho, não furou nada. Ele olhou e era o feixe de flecha mais lindo do mundo!

Então eles chamaram os *Iri*: “Primo, agora vocês vão lá pra casa passear, beber caíçuma..”. Os *Iri* responderam: “Primo, nós não podemos ir porque vocês podem nos estranhar. Se a gente for lá, vocês não escapam, morrem tudinho!”. Mas eles insistiram: “Não, rapaz, nós já viemos aqui, agora eu quero que vocês vão lá”. “Nós vamos lá na casa de vocês, mas no dia em que nós sairmos daqui, vai dar a primeira chuva. Vocês podem fazer um barco com cocho de paxiúba e passem pra dentro. Vocês não fiquem dentro de casa porque vai dar a primeira chuva e vai sair água onde as suas mulheres fazem fogo, onde elas fazem a comida de vocês”.

Depois de poucos dias que eles chegaram, começou a chover. Eles disseram: “Bora fazer barco que nosso primo está vindo pra cá!”. Eles fizeram do jeito que os *Iri* disseram: derrubaram pau, tiraram o cocho e entraram dentro. A água começou a sair onde eles faziam fogo e não parava de chover. O igarapé começou a encher e a cada dia a água subia mais.

Os *Iri* estavam chegando perto, mas disseram: “Primo, nós não vamos mais, porque vai se alagar tudo e vocês todos vão morrer. Nós não podemos visitar vocês, não. Daqui mesmo nós vamos voltar”. E avisaram: “Se um velhinho mais uma velhinha quiserem passar pro barco de vocês, não consentam porque, se não, o barco vai virar. Pode empurrar a velha pra morrer mais o velho!”. Assim fizeram, o velho e a velha morreram afogados. No momento em que os *Iri* começaram a voltar para trás, a chuva parou, o igarapé começou a secar e eles começaram a descer. Os *Iri* foram embora, mas aproveitaram a viagem e não voltaram mais para o local onde eles viviam antes. Eles já se mudaram para outro lugar.



Puiayhũdihu, o povo que foi morar no céu

Puiayhũdihu

Havia uma maloca grande onde morava muita gente. Eram índios muito religiosos, sempre tomavam *tsĩbu* [ayahuasca].

Um dia, não havia nada para comer, eles iam dormir sem janta. O chefe disse: “Meus irmãos, meus primos, amanhã vocês todos vão procurar porque hoje não tem nada para nós comer!”

No outro dia, todos pegaram a flecha e saíram bem cedinho, foram caçar. Ele convidou suas três mulheres e também saíram para flechar peixe no lago. Chegando lá, flecharam cará, fizeram fogo e comeram cará assado na beira do lago.

Enquanto eles estavam comendo, começaram a boiar muitas tartarugas (*kimi*) no lago. Uma das mulheres perguntou: “Marido, que bichos são aqueles?”. Ele se levantou, olhou e disse: “Rapaz, o que é aquilo?”. Ao dizer isso, ele caiu para trás e já ia morrendo. A mulher gritou para os outros que andavam caçando. Seus primos e irmãos chegaram e o abraçaram chorando. Depois o levaram para casa.

Para tratá-lo, seus parentes começaram a tomar *tsĩbu* e a cantar. Eles tomaram *tsĩbu* durante vários dias, até que descobriram que quem havia tentado matar o chefe deles tinham sido aquelas tartarugas que estavam no lago, enquanto eles comiam cará assado.

Ao descobrirem, reuniram-se todos os pajés para tomar *tsĩbu*, comer pimenta e cantar na beira do lago. O lago começou a secar. Com uma semana que eles estavam cantando, o lago secou de vez. As tartarugas também secaram e só sobrou o casco delas. Mas, ainda assim, o chefe nunca mais ficou bom, ficou sempre doente.

Passou muito tempo, até que um dia o chefe disse: “Bem, meus irmãos, meus primos, eu sofri tanto, fiquei muitos

dias sem comer. Agora já estou melhor e sei que vou ficar bom. Amanhã, vocês todos vão pra mata procurar para nós comer. Eu não quero nenhum homem aqui dentro de casa! E as mulheres de vocês também. Vão todas pro roçado, trazer roça, milho, banana pra fazer caçuma pra nós beber”.

No outro dia, seus primos e irmãos saíram para caçar e as mulheres foram para o roçado. A mulher dele perguntou: “Marido, eu vou também?”. Ele respondeu: “Vai também, eu não quero ninguém aqui!”. A mulher dele se levantou, pegou o paneiro e disse: “Marido, eu não vou, não. Eu não vou deixar você sozinho”. Ele disse: “Vai sim, vai ligeiro e volta logo!”.

No momento em que ela saiu, escutou um estrondo alto, um tremor da terra. Ela olhou para trás, não havia mais nem sinal da maloca, só ficou a mata virgem. A aldeia tinha se acabado e só restaram as redes atadas nas árvores e nas ramas dos cipós. Ela gritou para os outros, chorando. Os homens chegaram, chorando com pena do chefe e ajudaram a desatar as redes. Eles ficaram muito tristes, mas continuaram morando no mesmo lugar. Eles disseram: “Bora fazer nossa casa aqui mesmo que o nosso chefe já nos perdeu, ninguém sabe o que aconteceu com ele”. Fizeram um lugar novo no aceiro do roçado e lá moraram.

A partir desse dia, eles começaram a tomar *tsĩbu* todas as noites e foram ficando leves. Sempre eles derramavam um bocado ao redor da aldeia. Um dia, a casa começou a ranger. Eles olharam para fora e viram que era a terra ao redor da casa que estava rachando. Então perceberam que estava chegando a hora de partir. Eles disseram: “Agora vamos deixar de comer, nossa comida vai ser só *tsĩbu* mesmo!”. Deixaram de comer - tanto as mulheres, quanto os homens e os meninos - e, durante todo o dia e toda a noite, só tomavam *tsĩbu*. A terra continuou a rachar e eles começaram a cantar: “*Vũ kena, vũ kena, vũ kena, vũ kena...*”.

Até que uma noite deu um estrondo. No outro dia, de manhãzinha, eles olharam e a terra tinha rachado ao redor da maloca.

Eles perguntaram: “Quem vai avisar os nossos primos?”. Eles moravam em uma aldeia próxima. Então mandaram um rapaz: “Você vá chamar nossos parentes para irem embora mais nós. Mas venha logo, não demore. Você não coma e nem beba caçuma lá”. Ele correu. Chegando lá, foi bem recebido. Deram-lhe comida e caçuma, ele comeu à vontade. Tinha muita moça bonita, ele começou a namorar e se esqueceu de dar o recado. Às seis horas da tarde, ele

estava jantando ao lado da namorada, quando escutaram aquela zoada, muita gente cantando no rumo do céu. O chefe disse: “Escutem, escutem! O que é essa zoada medonha, essa cantoria no rumo de onde os nossos parentes moram?”. Foi então que o rapaz se lembrou: “Eu vim aqui para chamar vocês, para irem embora com a gente!”.

Todos desataram a rede, jogaram no paneiro e saíram correndo. Mas não houve jeito, eles já tinham subido. Chegaram lá e o pedaço de terra já estava na altura da copa das árvores. Eles iam cantando:

Vũ kena, vũ kena.

Vũ kena, vũ kena.

Nũ kenunũ kãnũ

Dere, dere, vukãwã.

Vũ kena, vũ kena.

Vũ kena, vũ kena.

Nũ ubũ nũ dere vukãwã.

Vũ kena, vũ kena.

Ao ver sua mulher flutuando no ar, o rapaz gritou: “Desça, mulher! Desça com meus filhos!”. Ela respondeu: “Eu não posso descer! Nós esperamos tanto e você não chegou, agora nós vamos embora!”. Os parentes que ficaram começaram a gritar: “Venham buscar nós! Venham buscar nós!”. Mas eles não podiam mais descer. Nesse momento, o rapaz virou um pássaro e já saiu cantando.

Subiram, subiram, subiram. Chegando na metade da viagem, o mundo do céu estranhou eles e um temporal os fez descer de volta. Eles ainda estavam muito pesados e então tomaram mais *tsĩbu*.

Quando já estavam preparados, voltaram a subir. O tempo os estranhou de novo e eles foram descendo, descendo. Então tomaram rapé, pimenta e outros mistérios e começaram a soprar. Desceram três vezes, mas nas três vezes conseguiram subir de novo. Chegaram no céu e disseram: “Agora vamos procurar um canto melhor para nós morar!”.

Eles avistaram um roçado grande e ficaram muito animados. Eles pensaram: “Vamos morar lá com os nossos

parentes!”. Mas chegando lá, não viram ninguém. Eles disseram: “Aqui não mora ninguém, só mora alma. Todas essas benfeitorias que estamos vendo são somente das almas, bora passar!”. Seguiram adiante.

Depois de meia hora, encontraram uma terra bonita, cheia de palmeira de cocão: “Agora nós vamos morar aqui!”. Eles cantaram: “*Kutamãna, kutamãna... Kutamãna, kutamãna...*”. Cada vez que eles cantavam, a terra estirava, aumentava ainda mais. Lá fizeram casa e passaram a morar. Passou muito tempo, até que um dia um rapaz disse: “Bem, meus irmãos, meus primos, agora eu vou passear lá na casa dos nossos parentes que ficaram”. Os outros perguntaram: “Mas como é que você vai?”. Ele respondeu: “Vocês vão ver como é que eu vou. Quando eu voltar, eu conto como eles estão passando”. Ele desceu com facilidade e chegou até lá.

Os parentes choraram quando o viram e o receberam bem. O rapaz contou: “Nós estamos bem. Lá onde nós estamos é muito bom”. Ele passou alguns dias e depois foi embora.

Passou muito tempo, ele voltou de novo. Os parentes disseram: “Da próxima vez, nós vamos com você”. Mas ele respondeu: “Vocês não podem ir comigo, só quem pode ir sou eu sozinho”. Eles ficaram com raiva. Um deles disse: “Mas como é que ele vai e vem? Agora, quando ele vier, nós vamos matar ele!”.

O rapaz chegou de novo, passou um dia e se despediu: “Meus primos, eu já vou me embora!”. Os parentes fizeram tocaia e o mataram. Mas com poucos dias, ele apareceu de novo. Eles disseram: “Lá vem ele ali! Mas nós não matamos? Como foi que ele viveceu?”.

Ele chegou e foi bem recebido, deram-lhe de comer. Aqueles que tentaram matá-lo disseram: “Agora vamos matar ele! Vamos esquartejar ele, vamos deixar uma banda em cada canto!”. Depois de alguns dias, quando ele estava indo embora, mataram-no de novo. Cortaram sua cabeça e as pernas. Chegaram e contaram: “Nós matamos ele, agora ele não vem mais não!”.

Mas com pouco tempo, ele veio novamente. Eles disseram: “Rapaz, como é que ele vem? Nós o matamos e como é que ele vivece? Pois agora nós vamos cortar ele miudinho pra formiga comer! Vamos ver se ele volta de novo!”. Passado um tempo, quando ele ia embora, mataram-no de novo. Cortaram-no inteiro e espalharam os pedaços por todos os cantos. Eles disseram: “Agora ele não vem mais porque nós fizemos o que pudemos fazer com ele!”.

Com muito tempo, ele voltou de novo, foi bem recebido. Eles disseram: “Como é que ele vem? Nós já matamos

ele, esquartejamos, rolamos o pescoço... Nós já fizemos tudo com ele, como é que ele vem?”.

Passado muito tempo, quando ele se despediu, disse: “Bem, meus primos, meus parentes, agora eu vou embora. Mas quando eu voltar aqui à terra, vocês vão ver como é que vocês vão passar, vocês vão ver a diferença que vai ser! Um dia eu ainda hei de voltar!”. Eles choraram.

Dessa vez ele foi embora e nunca mais voltou. Diz que esse homem era Jesus.



O jacaré que serviu de ponte

Kapetawã

Existia uma maloca muito grande e já fazia muito tempo que eles moravam naquele lugar. Um dia, o chefe disse: “Bem, meu pessoal, vamos embora daqui, já está muito escasso, não tem mais nada para comer. Vocês têm caçado muito e não matam nada. Vamos embora daqui”.

Eles viajaram vários dias e chegaram às margens de um rio. O rio era muito largo e eles não tinham como atravessar. Foi então que eles avistaram um pau bem grande atravessado. Em cima desse pau tinha até embaúba. Eles disseram: “Ah, lá tem uma ponte muito boa, bora atravessar por cima daquela ponte!”.

Ao se aproximarem, eles perceberam que o pau era um jacaré enorme flutuando no meio do rio. Eles ficaram muito admirados e correram para vê-lo de perto. O jacaré disse: “Se vocês quiserem atravessar para o outro lado, eu dou passagem. Mas primeiro vocês vão ter que me dar de comer, porque eu sou muito grande e não posso procurar. Eu como qualquer espécie de alimento, eu só não aceito comer a carne da minha família”.

Eles aceitaram o acordo e assim fizeram. Construíram uma casa para morar e todos os dias matavam caça para o jacaré comer. Eles matavam veado, porco, queixada, anta, tatu... O jacaré ficava muito contente. Depois de jantar, ele cantava animado, com a barriga cheia:

Hãÿ, hãÿrã

Hãÿ, hãÿ, hãÿrã

Vake yuma vaïndu,

Vake yuma vaïndu

Yuūdaka, Yuūdaka ashuā.

Ea shuā, ea shuri kawā

Vake yuma vaūdu,

Vake yuma vaūndu

Yuūdaka, yuūdaka ashuā.

Ea shuā, ea shuri kawā

Ĕ yuina inu, Ĕ yuina inu

Vake yuma vaūdu,

Vake yuma vaūndu

Yuindaka, yuindaka vake

E a shuā, ea shuri kawā

Ĕ yuina inu, Ĕ yuina inu

Todos os dias o jacaré comia e cantava a cantiga dele. Até que um dia ele disse: “Vocês já podem tirar essas embaúbas de cima de mim”. Eles tiraram, limparam, e começaram a atravessar. Era muita gente.

O povo estava avexado para atravessar. Fazia muito tempo que eles estavam naquele lugar que já estava ficando escasso de caça. Um dia, eles mataram um jacarezinho pequeno. Eles disseram: “O que nós vamos dar ao jacaré hoje? Nós não matamos nada, o jeito é dar esse jacarezinho pra ele comer...”. Eles deram-no a ele. O jacaré grande ficou com muita raiva, porque comeu o neto dele.

No dia seguinte, ao amanhecer, ele não cantou mais. Uma parte do povo já havia atravessado para o outro lado, outra parte ainda estava atravessando. O jacaré se virou e morreram todos que estavam em cima dele. Nessa hora, os peixes-fera comeram uma porção de gente.

Aqueles que ficaram não puderam mais atravessar. O homem chorava com pena da mulher e a mulher com pena do marido. E assim se apartaram de uma vez, nunca mais se encontraram.



História do Rũkãwãdawa

Rũkãwãdawa

Era um homem muito valente que brigava com todas as nações indígenas. Um dia, ele foi morto pelos Rũkãwãdawa. Sua mulher estava gestante do primeiro filho e ficou morando sozinha.

Ela estava com seis meses de gravidez quando a criança, na barriga, começou a falar com ela todos os dias. Um dia, a criança a convidou para ir passear na casa de seus parentes. A mãe respondeu que não sabia o caminho, mas a criança disse que lhe ensinaria.

A criança estava muito animada. Quando via uma flor bonita pelo caminho, pedia que sua mãe a tirasse para ele. Ela estava tirando uma flor de sororoca e um marimbondo a ferrou no rosto. Ela ficou com raiva e bateu na barriga: “Você só fica me mandando tirar flor pra você, as cabas já me ferraram! Por que você não espera nascer primeiro para poder brincar?”. O menino também ficou com raiva e não falou mais.

A mulher seguiu viagem, mas chegou a uma encruzilhada e não sabia qual direção seguir. Ela perguntou: “Meu filho, qual é o caminho que vai para a casa dos teus tios?”. Ele ainda estava com raiva e não respondeu. Ela não sabia e pegou o caminho errado. Esse caminho ia dar direto nos Rũkãwãdawa, que era uma nação de índios que comiam gente.

Chegando lá, só estavam as mulheres. Elas lhe aconselharam: “Você vai logo embora que os nossos maridos não estão em casa, estão plantando milho. Quando eles chegarem, se te encontrarem aqui, eles vão querer te comer”. Mas ela não acreditou. As mulheres disseram: “Já que você não quer ir embora, junte muito carvão e guarde nos bolsos”. Ela juntou um bocado e colocou no bolso da camisa.

Os homens chegaram e perguntaram: “Quem é esta mulher? O que ela está fazendo aqui?”. As mulheres contaram

que ela estava perdida. Um deles se deitou no seu colo e a mandou catar piolho na sua cabeça. Ao abrir o seu cabelo, ela viu que os piolhos eram muito grandes e eram venenosos. Mal um se levantava do colo dela, o outro já ia se deitando. Ela botava os pedaços de carvão na boca, fingindo que estava espocando piolho.

Até que ela não agüentou, teve nojo deles e começou a provocar. Eles ficaram com raiva, pegaram o *vīdu* [borduna] e a mataram. Eles partiram a barriga dela, tiraram a criança e a deixaram no toco da bananeira, depois comeram a mulher.

Um homem ia passando, quando de repente ouviu aquele menino chorando. Ele o pegou, levou para casa e passou a criá-lo. O menino cresceu e já estava com oito anos. Ele descobriu que tinha sido aquela tribo que havia matado o seu pai e a sua mãe e resolveu vingar a morte deles.

Um dia, ele pediu um machado para derrubar açai e chamou o pessoal para comer palmito. Cada uma que chegava - mulheres e crianças - ele rolava o pescoço delas. Os outros desconfiaram dele e quiseram se vingar.

Os Rūkawādawa perceberam que era aquele menino que estava acabando com seus filhos e se reuniram para matá-lo. Sua mãe de criação lhe disse para tomar cuidado que o pessoal estava vindo para matá-lo: “Meu filho, eles vêm te matar! Levanta da rede! Corre!”. Ele estava deitado na rede, embolando, tocando flauta, e respondeu: “Deixa eles virem!”. Eles chegaram e o rapaz os matou. Chegaram outros e o rapaz matou de novo, rolou o pescoço de todos eles.

Os poucos que sobraram resolveram enfeitiçá-lo de longe. O rapaz começou a gemer. A mãe dele perguntou: “Meu filho, o que você tem?”. Ele respondeu: “Estou com dor de ouvido”. “Estou com dor de dente”. “Estou com dor de barriga”. Ele sentia todo tipo de dor. Foi a partir desse tempo que apareceram todas essas doenças, antes elas não existiam.



Pakashuhūdi, um homem muito valente

Pakashuhūdi

Era uma velha que tinha um filho por nome Pakashuhūdi. Esse rapaz perguntava para a mãe como era o nome do tio dele: “Mamãe, me diz o nome do meu tio que eu quero saber!”. Mas ela não respondia: “Não tem nome não, meu filho, é seu tio mesmo!”.

Esse seu tio era o valentão da maloca, não tinha quem o matasse. E o rapaz tinha muita vontade de matá-lo. Perguntava para a mãe o seu nome para saber se ele era seu tio legítimo. Mas ela não dizia: “É seu tio mesmo, meu filho, não tem nome não!”.

Um dia, foram atacar a maloca desse homem. Reuniram-se várias tribos e saíram para matar Pakashuhūdi, o homem valente. Então o rapaz disse: “Eu vou também!”. Na hora da saída, quando já iam todos armados para atacar a maloca, ele perguntou mais uma vez: “Mãe, como é nome do meu tio? Me diga!”. “É seu tio mesmo, é seu tio mesmo!”. Ele pensou: “Bem, agora vou matar ele! Mamãe não quis dizer o nome do meu tio, com certeza é meu tio longe”.

Ninguém nunca tinha conseguido matá-lo. Pelejavam, mas não o matavam. Isso porque, perto de casa, ele tinha um cipó amarrado no galho de um pau. Quando atacavam a maloca, dali mesmo ele desatava o cipó, agarrava-se nele, voava e ia bater numa terra alta. Lá ninguém chegava e por isso não conseguiam matá-lo.

Mas o rapaz já sabia disso. Ele disse para os outros: “Agora vocês vão atacar a maloca que eu vou por aqui sozinho”. Ele foi sozinho, subiu a terra e ficou esperando. Com um pouco mais, atacaram a maloca. Estavam matando quando o homem valente veio de lá agarrado no cipó – vuuuuuuunnnnnnnnn! Quando ele desceu, o rapaz disse: “Você que é o danado que ninguém mata? Pois agora eu vou te matar!”. O rapaz matou o tio dele.

O rapaz voltou para trás, encontrou com os outros e disse: “Eu matei ele!”. Todo mundo ficou alegre e pensaram:

“Bem, ninguém nunca tinha matado ele. Mas agora ele matou o tio dele”. O rapaz foi contando para os companheiros como ele o matou. Chegando na aldeia, foi direto para sua casa onde ele morava só com sua mãe.

No outro dia, ele estava fazendo flecha, a mãe dele chamou: “Pakashuhũdi! Pakashuhũdi! Pakashuhũdi!”. Sua mãe nunca o tinha chamado pelo nome. Ele escutou e pensou: “Mamãe nunca me chamou por esse nome... Está me chamando agora pelo nome do meu tio só porque eu matei ele. Pois agora eu vou matar a minha mãe!”. Ele pegou sua flecha e saiu.

Ele chegou pertinho dela, ela o chamou de novo: “Pakashahũdi, vem comer!”. Ele disse: “Mamãe, a senhora nunca me disse o nome do meu tio e agora está me chamando pelo nome dele!”. Dizendo isso, ele a matou. Em seguida, desafiou os outros: “Agora, quem quiser vingar a morte da velha minha mãe, pode vir brigar comigo!”. Os outros responderam: “Não, não, não tem quem queira brigar contigo!”. Então o rapaz resolveu ir embora para outro canto, para outro lugar, para outra maloca.

Ele já vivia há algum tempo lá nesse novo local. Como era um homem muito trabalhador e que matava muita caça, um velho lhe deu a sua filha para casar.

Um dia, chegou um velho de outra maloca e disse para o sogro dele: “Eu vim aqui para pedir pro teu genro me dar um dia de trabalho de derrubada de roçado”. “Ele não está aqui, ele anda caçando. Mas espera que de tarde ele chega”. De tardezinha, ele chegou. O sogro chamou: “Meu filho, vem aqui”. O velho lhe disse: “Meu filho, eu vim aqui para você me dar um dia de trabalho”. Ele respondeu: “Está bom, eu não vou agora, mas vou amanhã”. O velho foi embora.

No outro dia, bem cedinho, ele foi. Chegando lá, ele disse: “Pai, está aqui um kawazinho [moquém pequeno] que eu trouxe pro papai comer, que ontem eu fui caçar e matei macaco preto com macaquinho novo”. O velho levantou-se, disse: “Agora que você vem? Agora que você vem me dar um dia de trabalho?”. O velho pegou o besteti [tipo de arma] dele, o rapaz correu, mas escorregou no terreiro e caiu. O velho lançou o besteti em cima dele e só não pegou porque ele se virou e desviou. O rapaz arrancou o besteti do velho, correu e se escondeu atrás de uma touceira de inhame. O velho pegou outra arma e já ia correndo atrás dele de novo, quando o rapaz largou o besteti em cima dele e matou o velho. Ao chegar em casa, o rapaz contou para sua mulher que não iria mais morar ali, que iria embora. O velho sogro dele pelejou: “Anda, meu filho, fique aqui! Ninguém vai bulir com você e nem vai matar você, pode ficar!”. Mas ele disse

que não: “Meu velho, eu vou me embora porque não quero que ninguém mate você”. Então ele foi embora.



Um homem muito guloso

Rua pitsi

Era um homem de outra aldeia que veio passear. Ele chegou na casa de um velho que tinha três filhas (a filha mais velha já tinha até uma filha). Ele disse para o velho que queria se casar com todas elas. O pai respondeu que não.

Um dia, ele disse para a irmã mais nova: “Vamos para o centro?”. Ela respondeu: “Vamos”. Ela disse para sua mãe: “Mãe, eu vou com o meu marido morar no centro”. A velha disse: “Sim, minha filha, vá com o seu marido”.

Chegando lá, ele disse: “Bem, hoje nós vamos primeiro fazer tapiri”. Fizeram o tapiri. No outro dia, ele chamou: “Vamos mariscar?”. Eles foram e pegaram muitos peixes. A mulher disse: “Marido, deixa eu catar piolho em você?”. Ele respondeu: “Espera, primeiro, que eu vou tirar lenha”. Ela disse: “Então vá”.

A mulher ficou escutando ele batendo, tirando lenha. Ele chegou de volta, arriou a lenha, pegou a mulher e a matou. Fez um fogo bem grande, assou a mulher dele e, depois, a comeu. Terminando de comer, disse: “Agora vou buscar a outra para comer também!”.

O homem levou os peixes para a velha, a sogra dele. Quando chegou, disse para a outra irmã: “Está aqui o que a sua irmã mandou pra vocês. Ela pediu pra você ir lá ajudar a tratar o resto”. Ela aceitou e eles foram. Quando chegaram, ela não viu a sua irmã. Ela perguntou ao cunhado, mas ele disse que ela estava no outro tapiri, tratando os peixes. Ele disse: “Mais tarde nós vamos lá. Você fica aqui primeiro que eu vou tirar lenha pra moquear o peixe”. Ela não sabia de nada e disse que sim.

Ele foi, bateu, bateu, tirando lenha, até que chegou de volta. Fez um fogo bem grande, matou a outra mulher, cozinhou e comeu. Cada mulher que ele matava, cortava a cabeça e botava dentro do rio, debaixo da tábua. Ele disse: “Agora vou buscar a mais velha. A última vai ser a mais velha!”.

Chegando lá, disse para ela: “Eu vim te buscar. Suas irmãs disseram pra você ir também porque tem muito peixe e elas não dão conta”. Ela perguntou: “E cadê as minhas irmãs?”. Ele respondeu: “Elas ficaram”. Ela disse: “Eu vou, mamãe”. Pegou sua filha e foram.

Quando chegaram no centro, ela desconfiou e perguntou: “Cadê minhas irmãs?”. Ele respondeu que elas estavam pegando peixe lá embaixo. Ela disse: “Vamos pra lá!”. Ele disse que não, só mais tarde: “Eu vou tirar lenha primeiro para, quando voltar, já ter lenha”. Ele foi tirar lenha, mas estava custando muito para voltar. Ela pegou a menina e desceu para tomar banho.

No porto, ela viu um monte de perequexé [tipo de peixe] correndo embaixo da tábua. Ela sentou a menina na terra e foi pegar os peixes. Ela os estava juntando quando pegou na cabeça de uma de suas irmãs. Ela disse: “Ah, desgraçado! Comeu as minhas irmãs!”. Ela quis voltar, mas se escondeu.

Quando ele chegou, procurou: “Cadê ela? Será que já foi tomar banho?”. Foi até o porto e não a viu. Gritou e ela não respondeu. Ele disse: “Ah, se soubesse, eu tinha matado ela logo! E agora, o que eu vou comer?”. Ele pensou: “Eu vou já comer um pedaço da minha perna!”. Pegou a própria perna e foi cortando. Quando chegou no nervo do mocotó, ele caiu. A mulher que estava escondida chegou e disse: “Agora eu vou lhe matar também!”. Ela pegou um pau, largou na cabeça dele e o matou. Pegou a sua filha e correu. Chegando em casa, contou para o pessoal. Eles disseram: “Vamos matar esse homem!”. Mas ela disse que já o tinha matado. O pessoal disse: “Já matou? Então pronto”.



Historia do Pashpi

Pashpidawa

Eram duas irmãs que moravam a uma hora de viagem da casa da tia delas. Mas elas nunca tinham visto o seu primo e queriam muito conhecê-lo. O nome dele era Pashpi.

Um dia, elas disseram: “Papai, o senhor deixa a gente ir lá na casa da nossa tia para conhecer nosso primo? Nós já estamos formadas, já estamos ficando velhas e nunca vimos nossa tia que mora pertinho daqui”. O pai respondeu: “Vão, minhas filhas, vão conhecer a tia de vocês”.

Elas andaram muito até que chegaram na casa da tia delas. Foram bem recebidas, tomaram caçuma. A tia também deu de comer, tinha muita banana e tinha muita carne. Pashpi matava caça e era trabalhador. Ele só era feio, cheio de nó.

Elas perguntaram: “Tia, cadê o nosso primo?”. Ela respondeu: “O primo de vocês só chega do trabalho à noite. Ele não vem aqui de dia, não”. “Mas, tia, chama o nosso primo que nós queremos conhecer!”. “Ah, ele não vem, ele só chega de noite”. Elas insistiram: “Mas tia, chama o nosso primo...”. A tia, então, disse: “Eu vou tentar, pode até ser que ele venha”. Ela o chamou: “Pashpi! Pashpi! Pashpi!”.

Ele era muito valente, já veio cantando: “Vay, vay, vay, he, he, he, he. Vay, vay, vay, he, he, he, he... [desafiando]”. Ele já veio correndo com um pedaço de pau armado. Quando chegou pertinho, perguntou para sua mãe: “O que é, minha velha? O que está acontecendo com a senhora?”. “Nada, meu filho. É que suas primas vieram aqui e mandaram te chamar. Eu estou te chamando pra tu ver elas”. Ele respondeu: “Não, elas vieram ver a senhora, mas não eu”. Voltou para trás e foi de novo para o trabalho dele, derrubar pau.

Às seis horas, ele veio de novo. Chegou, enfiou o machado, subiu e depois foi tomar banho. A velha tirou comida

para ele. Ele jantou, bebeu caçuma, abaixou a rede e foi se deitar, foi tocar a gaita dele.

As meninas foram para cima dele, disseram: “Nós vamos deitar com você!”. Ele disse: “Não, comigo, não! Podem arrumar rede com a tia de vocês e podem dormir, mas comigo vocês não vão deitar, não”. “Nós viemos para deitar com você e nós vamos sim!”.

Uma das irmãs se deitou de um lado, a outra se deitou do outro. Ele ia fugindo, se suspendendo para cima, e elas o puxavam de volta para baixo. Ele se erguia e elas o puxavam para baixo. Até que elas conseguiram.

Apesar de ele ser feio, cheio de nó, ele era muito trabalhador. Eles se casaram e elas nunca mais o deixaram.



Sete Estrelas

Ixbahu vakehu

Era um velho casado com uma mulher nova e bonita. Um dia, a mulher resolveu deixá-lo porque ele já estava bem velho e não agüentava mais trabalhar. Os pais dela iam se mudar para outro local e a convidaram para ir com eles. Ela falou para o velho que ia embora e que ele não fosse atrás dela, que ficasse morando sozinho na casa. Ela se arrumou e saiu, o velhinho ficou só. Ele criava nambu azul e papagaio, foi só o que restou com ele.

Chegou um dia em que o fogo se apagou e o velho ficou sem nada. E ainda deu uma friagem. Depois de três dias, quando o sol saiu de novo, o velho forrou uma esteira e se deitou no rumo que o sol nascia.

O velho estava deitado quando chegou um monte de marimbondos. O marimbondo chegou, sentou na poupa da bunda dele, tirou um pedaço do couro, voou. O velho gritou “viiii!”, mas continuou deitado.

Depois chegou o urubu. O velho estava deitado, nu, com a bunda arreganhada para fora, o urubu viu e disse: “O velho tem muita carne, nós hoje vamos comer muita carne!”. O urubu chegou perto, olhou o panasqueiro [ânus] do velho: “Ah, é ali mesmo!”. Ele ia beliscar quando o velho fechou o panasqueiro. O urubu se afastou para trás, ficou espiando, disse: “Ah, ele não está morto, não!”. Voou e sentou-se em cima de um toco, mas não tirava os olhos de cima do velho.

Começaram a chegar muitos urubus e só estava faltando o urubu-rei. Um deles perguntou: “Cadê o nosso chefe?”. O outro respondeu: “Ele já vem, as mulheres dele estão enfeitando ele”. Passou um tempo, o urubu perguntou de novo: “Cadê o nosso chefe?”. “Ele já vem em viagem com as duas mulheres dele”. Os urubus já estavam cagando em cima do velho quando o urubu-rei chegou.

O velho estava deitado como morto, com sua bengalinha ao lado. O urubu-rei tirou os enfeites que suas mulheres

tinham feito. Só não tirou o enfeite da venta (reshu) e da canela (ushe). Depois que tirou a farda, disse: “Bem, agora eu vou comer ele”. O urubu já ia beliscar o olho do velho quando ele largou a vara no urubu. O urubu caiu, o enfeite dele também caiu. Os urubus voaram e foram embora.

Passado um tempo, um urubu voltou e disse: “Nosso chefe pediu pra você mandar o enfeite dele”. O velho respondeu: “Diga a ele que venha buscar!”. Mais tarde veio outro urubu: “Nosso chefe pediu pra você mandar o enfeite dele que ele está precisando”. O velho se zangou: “Vocês aqui só me aperreando!”. Bateu no urubu. Ele voou, não veio mais ninguém.

De tardezinha, o velho disse para o papagaio e a nambu: “Meus filhos, vão buscar água pra mim, ao menos pra eu me lavar”. Eles saíram com o vaso, trouxeram água e o lavaram. O velho continuou deitado no mesmo canto.

Às sete horas, o velho escutou alguém dizendo: “Lá vai, lá vai, lá vai!”. Eram os Sete Estrelas que haviam descido e estavam flechando rato para comer. Chegaram à casa do velho. Uma mulher o viu e disse: “Aqui tem um homem deitado!”. O outro disse: “Quem é? Bora ver quem é!”.

Eles entraram na casa e perguntaram: “Quem é você?”. “Sou eu. Meu pessoal não gosta de mim, foram embora, me deixaram aqui sozinho. Já faz muito tempo que me deixaram, eu fico sofrendo aqui sozinho”. “Como é o seu nome?”. O velho desconfiou: “Vocês não vão me matar, não?”. “Não, diga como é o seu nome!”. “Meu nome é Ixbahu vakehu”. Era o mesmo nome dos Sete Estrelas. A mulher disse: “Ah, ele é nosso irmão!”. Todos o abraçaram, chorando. A mulher disse: “Bora dar banho no nosso irmão!”. Fizeram fogo, cozinharam banana, passaram a noite dando de comer a ele, conversando, cuidando dele.

Já era de madrugada quando eles disseram: “Meus irmãos, nós já vamos embora”. O mais velho perguntou: “O que nós vamos fazer com o nosso irmão?”. Uma mulher disse: “Nós vamos fazer assim...”. Ela chegou perto da venta dele, virou-se de costas e deu um peido - pooooou! O velho tomou um susto e o couro dele se afrouxou. O outro chegou, do mesmo jeito - pooooou! - o couro afrouxou ainda mais. Assim foi indo. Quando o derradeiro rapaz peidou na venta dele, o couro dele voou. Ele se levantou e era um rapazinho de dezesseis anos. Ele ficou muito animado. Os Sete Estrelas se despediram e foram embora.

Ele disse para o papagaio e a nambu: “Meus filhos, bora atrás do nosso pessoal!”. Eles foram: nambu azul à frente

e papagaio atrás. Mas não deu para chegar e eles dormiram na metade da viagem. No outro dia, à tarde, eles chegaram.

Ele tinha entrado de novo dentro do seu couro velho e vinha andando com um bastão na mão, gemendo. A mulher que tinha sido dele olhou e disse: “Que diabo! Esse velho ainda não morreu, não? O que ele vem fazer aqui?”. A família dela o deixou de novo sozinho em uma casa abandonada.

Ao lado daquela aldeia havia uma casa onde morava um homem que tinha duas filhas solteiras. Ele viu o velho passando e mandou suas filhas o chamarem para ele ficar em sua casa. As duas meninas pegaram na mão do velho e o levaram para casa. Elas lhe deram banho e lhe deram de comer. Como era tempo de friagem, elas dormiram na rede com ele. O pai delas disse: “Bem, vocês agora não soltem o velhinho. Ele vai ser marido de vocês, tomem conta dele. Façam tudo o que vocês puderem fazer por ele!”. Elas responderam: “Sim, papai!”.

O pai dessas meninas estava botando roçado e todos os dias ele ia derrubar pau. Um dia, o velho perguntou: “Menina, teu pai está derrubando pau sozinho?”. Ela respondeu: “Ele fez mutá no manixi, amanhã ele vai derrubar”. Então o velho disse: “Tu diga pra ele que deixe o machado pra mim que eu vou lá amanhã”. Ela disse: “Papai, o velhinho está pedindo machado ao senhor pra amanhã ele ir dar uma olhada no manixi que o senhor colocou mutá”. O pai delas respondeu: “Não, ele não precisa fazer nada! Só o que ele precisa fazer é comer”. Mas o velho insistiu: “Não, mas eu quero ao menos olhar. Diga pra ele deixar o machado pra mim”. O pai das meninas foi caçar e deixou o machado.

No outro dia, de manhãzinha, o velho pegou o machado e saiu gemendo, o corpo envergado. Chegando lá viu manixi de quatro tijela [tronco muito grosso]. O pai das meninas já tinha feito mutá. O velho sacou fora o couro velho e deixou em cima de um toco. Ele era de novo um rapazinho de dezesseis anos. Subiu lá em cima e largou o machado no pau, gritando: “vay, vay, vay, vay...”. Sete Estrelas também vieram ajudá-lo a derrubar pau e era pau caindo por todo canto.

O pai das meninas escutou o barulho e pensou: “Mas será que é aquele velho que está fazendo esse trabalho?”. Sete Estrelas adivinharam que ele estava chegando e foram embora, só ficou o velho. O pai das meninas chegou e viu um rapaz bem novinho, todo suado, derrubando pau. Ele se perguntou: “Rapaz, será aquele velho?”. Ele olhou para o lado e viu o couro dele em cima do toco. O homem se escondeu, rodeou o roçado e saiu lá adiante.

Chegou na casa dele, disse para as filhas: “Minhas filhas, vão reparar o marido de vocês! Eu nem vou contar nada,

vocês mesmo vão lá ver de que jeito ele está”. As meninas correram. Chegando lá, viram um rapaz novinho derrubando pau. Uma irmã dizia: “Ele é meu!”. A outra dizia: “Não, ele é meu!”.

Elas chegaram mais perto, viram o couro dele e se perguntaram: “O que nós vamos fazer com isto?”. A irmã mais nova disse: “Minha irmã, você pega o couro dele, corre, e joga dentro do buraco. Se ele quiser ir atrás, eu agarro e seguro ele”. As duas foram andando, devagarzinho, chegaram pertinho. A mais velha pegou o couro dele. Ela já ia saindo quando pisou em cima de um galho seco. O rapaz olhou para trás, a menina já ia correndo com o couro dele, ele gritou: “Solta o meu couro! Solta o meu couro!”. Ele pulou para baixo e a mais nova o agarrou. Ela só o largou quando ele se acalmou.

Eles voltaram para a casa e todas as duas ficaram com ele. Chegando lá, a mulher que havia sido dele disse: “Vocês tomaram meu marido! Eu tenho que ficar com meu marido agora”. Mas elas disseram: “Nãããão, você não deixou ele porque era velho? Agora nós não damos mais pra você, agora o rapaz é nosso! É nosso marido mesmo!”.



Um homem muito teimoso

Seika

No tempo em que os índios guerreavam contra outras nações indígenas, seis homens de uma maloca saíram para matar Ba—dawa. Eles viajaram três dias e chegaram em um pique muito largo onde os Ba—dawa estavam arrastando palha para construir suas casas.

Os homens avistaram um bando de meninos arrastando palha, mas pensaram: “Nós não vamos matar esses meninos, nós vamos esperar os pais deles para nós matar”. Eles esperaram muito tempo, mas nesse pique só passava menino, eles se perguntaram: “Esses meninos não têm pai, não?”.

De repente, apareceu um menino barbado. Um dos homens pensou: “Como esse menino tem barba assim? Espera aí que eu vou já fazer medo a ele!”. O menino barbado estava passando, o homem pisou em cima da ponta da palha que ele arrastava. O menino fez força para frente, mas a palha não desenganchava. Ele pensou: “Orra! Por que essa palha está presa aí? Eu não vi nem toco, nem nada...”. Ao olhar para trás, viu os homens armados e deu um grito, com voz grossa: “Meus filhos, tragam arma para nós matar esse pessoal que veio atrás de matar nós!”. (Os homens tinham pensado que eles eram meninos, mas só o eram no tamanho. É uma nação de índio que são todos pequenos, anões).

Apareceram mais de cem Ba—dawa, todos armados. Os homens ficaram com tanto medo que correram em disparada. Mas somente cinco homens conseguiram voltar para a maloca, o outro se perdeu, ficou só. Ele passou o dia andando, mas não conseguiu achar o caminho por onde ele tinha vindo.

Eram seis horas da tarde quando ele se sentou no toco de um pau e viu a claridade de um fogo. Ele se aproximou e viu que era a nambu preta (seika) fiando algodão. Ele pensou: “Eu estou com frio e vou já bater ali!”.

Chegando lá, a mulher lhe perguntou: “Quem é você?”. Ele disse: “Sou eu. Eu vim matar Ba—dawa, mas eles

fizeram nós correr. Meus irmãos me perderam e agora eu estou aqui sozinho, sofrendo”. Então ela disse: “Deita aqui do meu lado, na rede. Mas fique quietinho, não vá querer me mexer!”. “Não, não vou mexer com você, não.” Ele se deitou.

Passado um tempo, ele não suportou e começou a passar mão na mulher. Ela disse: “Eu já não disse pra você ficar direito! Fique quieto que amanhã bem cedinho eu vou te deixar no teu caminho. Você passou bem pertinho daqui, eu vi quando fui buscar meu algodão”. Ele calou-se e ficou quieto. Mas passado um tempo, de novo, ele passou a mão na mulher em um lugar que ela não gostou. A nambuzinha ficou com raiva – “te-te-te-te-te-te” –, voou para longe. Ele ficou sozinho, no meio da mata, na escuridão.

Algumas horas se passaram, até que ele viu outro fogo aceso onde estava a mesma nambu. Ele pensou: “Estou com frio, vou já bater lá!”. Chegando lá, ela disse: “Mas você já está aqui de novo? Deita que amanhã eu vou te deixar, mas não vá me mexer mais não!”. Mas ele não agüentou e começou a passar mão na mulher, de novo. Ela gritou – “te-te-te-te-te-te” –, saiu voando e caiu lá adiante. Ele viu o rumo para onde ela foi e saiu na mesma direção, atrás dela, barbatando.

Havia uma campina grande, ele estava andando quando topou com a jibóia e caiu em cima dela. A jibóia levou aquele susto, mas ficou deitada. Ele se afastou para trás e se sentou. A jibóia disse: “Minhas filhas, foram vocês que passaram a mão em cima de mim?”. As cobrinhas responderam: “Não, pai, nós estamos aqui deitadas, pensando em como é que nós podemos matar gente”. “Então quem foi que passou a mão em cima de mim?”.

Os macacos da noite estavam comendo fruta na árvore em cima dela, a jibóia perguntou: “Foram vocês que passaram a mão em cima de mim?”. “Não, nós não descemos, nós estamos comendo nossa comida aqui”. “Então quem foi que passou a mão em cima de mim?”. O índio, sentado no meio da escuridão, afastou-se um pouco mais para trás e lá passou a noite. No outro dia, bem cedinho, ele saiu. Continuou andando, mas não achou o caminho. Anoteceu e ele estava sentado na sacupemba de um pau, quando viu um fogo. Ele pensou: “Ah rapaz, vou já acolá!”.

Chegando lá, estavam os porquinhos catitu deitados, se esquentando no fogo. Ele disse: “Estou com frio, meus primos”. Eles perguntaram: “O que tu tem? De onde tu vem?”. “Rapaz, eu ando sofrendo...”. O homem contou que tinha saído para caçar e já estava com três dias que ele andava perdido e não conseguia mais voltar. O porco falou: “Você

está bem pertinho da sua casa, faz pouco tempo que eu passei no seu roçado e comi roça de lá. Você pode dormir mais nós que quando o dia amanhecer eu vou te deixar lá no aceiro do teu roçado. Mas não vá assoprar o fogo, fique quietinho, não vá bulir com nada. Quando você quiser atçar o fogo, chame a gente”.

O homem se deitou para dormir, mas não conseguiu. O fogo estava se apagando, os porcos estavam dormindo e ele levantou-se para assoprar o fogo. Ao soprá-lo, as brasas se espalharam por todo canto e queimaram a catinga do porco. Os porcos se levantaram – “uh, uh, uh, uh, uh, uh, uh” –, correram para longe e o deixaram no escuro, sozinho de novo.

O dia amanheceu, o homem foi embora. Ele encontrou a cutia e pediu que ela o deixasse perto de sua casa. A cutia aceitou, mas pediu que ele a acompanhasse sem mangar dela. A cutia saiu caminhando na frente e ele atrás. Ao olhar para a sua bunda, ele viu que ela estava menstruada e deu uma risada. A cutia deu um pulo e foi se embora, com vergonha. (Ainda hoje, na mata, quando ela vê gente, se espanta e sai correndo. Com vergonha, ainda.).

Já estava com muitos dias que o homem estava perdido. Um dia, ele topou com uma árvore grande caída, ele pensou: “Eu não posso torar no meio, vou arrodar”. Ele estava rodeando-a quando viu um pau grande e uma onça pintada deitada. Ele se afastou devagarzinho para trás, mas pisou em um galho seco e estralou.

A onça levantou-se, espiou e disse para ele: “Não corra que eu não vou fazer nada contigo, pode vir pra cá!”. Ele estava com muito medo, mas foi até lá. Ela disse: “Rapaz, você estava com medo de mim?”. “‘Estava’, não, eu ‘estou’ com medo de você.” “Eu não vou fazer nada contigo, só quero que você faça um trabalho para mim...”.

A onça pintada havia comido um veado e estava com um osso enganchado na sua presa. Por causa disso, já fazia muito tempo que ela não podia comer nada e já estava quase morrendo de fome. Ela disse para o homem: “Se você garantir tirar este osso que está enganchado no meu dente, eu vou deixar você perto da sua casa”. O homem perguntou como ele poderia fazer isso. Ela respondeu: “Você tire uma envira bem comprida, amarre no meu dente, se atrepe nessa árvore e lá de cima você puxe com força até arrancar o osso”.

O homem subiu na árvore. Chegando no primeiro galho, perguntou: “Aqui mesmo?”. “Não, se você sentar aí vai correr perigo, suba mais”. Subiu mais um bocado e perguntou de novo: “É aqui mesmo?”. “Não, pode subir mais”. Ele chegou no último galho e perguntou: “Aqui está bom?”. Ela respondeu: “Está. Agora você pode puxar”. O homem

puxou, suspendendo a onça, até que o pedaço de osso saiu. A onça deu um esturro que a terra estremeceu. Ela pulava de dor. E pulou tão alto que quase alcançava a perna dele.

Ele então pediu: “Posso descer?”. “Não, deixe a dor passar primeiro, não desça agora porque você vai correr perigo”. Passado muito tempo, ela disse: “Pode descer agora”. Ele desceu.

A onça disse: “Agora tu fique aqui que eu vou lá no caminho que tu passou, vou fazer quebrada pra você passar”. De lá a onça esturrou para ele ir no rumo: “hum, hum, hum, hum, hum, huuuuuummmmm”. Ele chegou, ela disse: “Pode ir embora, pode ir sem medo que agora você vai chegar na tua casa”.

Chegando em casa, sua mulher nem o esperava mais, achava que ele já estava morto.



A Avó da onça

Inawa Shãdu

Era um casal que tinha somente uma filha. Ela já tinha se formado, mas não queria saber de possuir família. Os pais dela começaram a desconfiar, porque ela não tinha marido mas estava gestante. Os velhos procuraram saber, mas a filha não dava nenhuma resposta. Então a mãe dela passou a prestar atenção para ver se descobria quem era o seu namorado.

Um dia, a moça saiu de casa para fazer alguns trabalhos e pediu que a mãe não arrumasse e nem varresse o lugar onde ficava a sua rede. Logo que ela saiu, a mãe foi observar o que estava acontecendo no quarto da filha. Nesse tempo, os povos indígenas moravam todos no chão, em suas casas não havia assoalho. Chegando na rede da filha, a mãe viu que o fundo era encostado no chão e que tinha uma esteira bem embaixo da rede. A velha levantou a esteira, o minhocão estava com a cabeça de fora, mesmo na boca do buraco.

Ela disse: “Está aqui o namorado da minha filha!”. Quando ele foi descoberto, entrou para dentro, dizendo: “Txokoroshe!” (chamando ela de tia). A velha gritou: “Eh! Quem é meu sobrinho me chamando de ‘tia’? Espere já aí!”. Ela correu, esquentou água, e jogou água fervendo dentro do buraco. O minhocão ainda gritou: “Minha sogra, não me mate!”. O minhocão pulou para fora, ficou estirado, morto.

Nesse tempo, quando acontecia alguma coisa, tinha um pau onde eles batiam para avisar. A mãe bateu, os outros parentes escutaram e vieram ver o que havia acontecido. A filha dela também escutou e veio correndo, perguntando: “O que foi? O que foi?”. Ela chegou, a mãe disse: “Espia o teu namorado!”.

Ao ver o marido morto, a mulher ficou com muita raiva e foi embora para a mata, para um lugar onde morava uma velha que comia gente, conhecida como Inawa Shãdu [Avó da onça]. A mulher ia andando e gritando: Inawa Shãdu, vem

me comer!. Inawa Shãdu tinha dois filhos rapazes. Eles estavam fazendo tocaia no algodoeiro, esperando para matar nambuzinha, quando ouviram a mulher gritando. Eles pensaram: “Mas quem é que vem aí chamando a nossa mãe?”. Os dois pularam da tocaia e foram ao encontro da mulher.

Eles ficaram muito admirados e logo perguntaram: “Quem é você? O que você anda fazendo gritando e chamando a nossa mãe? Você não sabe que ela come gente?”. Ela respondeu: “É pra ela me comer mesmo! Eu estou desesperada e quero que ela me coma!”. Os dois irmãos se olharam e disseram: “Meu irmão, vamos levar ela para ser nossa mulher?”. Eles perguntaram para ela: “Tu quer ir embora mais nós?”. “Vou”. No caminho para a casa deles, ela falou que estava gestante e que só poderia descansar se fosse dentro de um poço bem fundo. Os rapazes a levaram para o poço de um igarapé e ela ficou com a água acima da cintura. Ela falou: “Podem matar todos os filhos que saírem fora d’água, porque daqui a uns tempos vocês serão feridos por eles”.

Nesse tempo, não tinha inseto, não tinha cobra, não tinha tucandeira, não tinha nada. Mas da barriga dessa mulher começaram a sair todas essas pragas que eram os filhos do minhocão: escorpião, tucandeira, cobra, arraia, formiga, besouro, barata, lagarto. Foi a partir desse dia que surgiram todas as pragas.

A mulher terminou de parir e eles foram se embora. Quando chegaram em casa, Inawa Shãdu veio receber os filhos na porta. Os rapazes trouxeram a mulher escondida para a mãe não ver. Eles disseram: “Mamãe, nós matamos só mutum. Está aqui, pega para nós comer”. A velha recebeu, mas desconfiou de que havia algo diferente. Os meninos disseram: “Mamãe, nós vamos nos deitar, estamos enfadados e vamos dormir”.

Como os rapazes haviam combinado que a mulher seria dos dois, cada qual se deitou ao lado dela e dormiram os três. A velha, desconfiada, pegou um palito e ficava cutucando a mulher. A mulher dizia para seus maridos: “A mãe de vocês está me cutucando!”. Os rapazes diziam: “Mãe, por que a senhora não vai dormir? A senhora passa a noite mexendo com a gente! Nós estamos enfadados, a senhora ainda fica mexendo!”. Mas não tinha jeito, a velha estava muito desconfiada.

Os dois rapazes pensaram e concordaram: “Vamos logo contar para ela”. Eles pegaram na mão da mulher e disseram: “Mamãe, essa é uma mulher que nós trouxemos. Mas não é pra senhora comer, ela é nossa esposa”. A velha fingiu que se conformou e foi se deitar.

Os dois rapazes fizeram uma casa distante e foram morar com a mulher. Mas eles nunca a deixavam sozinha, quando um saía para trabalhar, o outro lhe fazia companhia. E assim eles foram vivendo.

Até que a mulher deu luz a uma criança. Os dois irmãos sempre diziam para ela: “Você nunca dê o nosso filho pra mamãe, se não ela vai comer o nosso filho”. A mulher tinha muito cuidado, mas um dia ela estava sozinha, fazendo mingau de milho, e disse: “Ah se eu tivesse uma pessoa para olhar esse menino...”. Tinha uma cabocla velha chamada Keshu, a mulher disse: “Keshu, pega o meu menino enquanto eu vou ali pegar mais água?”.

Keshu estava segurando o menino, quando Inawa Shãdu chegou e disse: “Keshu, me entrega esse menino!”. Ela respondeu: “Não, deixa esse menino que a mãe dele entregou pra mim!”. Mas a velha já foi tomando o menino. Matou e jogou dentro do mingau. Keshu ficou chorando.

A mulher voltou com a água e jogou na panela. Ela estava mexendo o mingau, quando viu a perninha do menino dentro da panela. Ela saiu correndo, chorando, até encontrar os maridos: “Sua mãe já matou o meu filho!”. Eles chegaram em casa e a velha Inawa Shãdu já estava comendo o menino.

Os filhos foram logo abarcando o machado na cabeça dela, mas ela nem ligava, continuava comendo o menino. Não havia arma que atingisse a velha, porque ela tinha o corpo coberto de pedra. Ela disse: “Meus filhos, se vocês quiserem me matar, tirem muita lenha, façam uma coivara, me amarrem e toquem fogo. Só assim vocês vão conseguir me matar. E quando o fogo estiver pegando, fuja para bem longe, se não vai voar fãisca em vocês. Vocês vão embora, se não os seus tios irão comer vocês”. E assim eles fizeram.

Quando a coivara acendeu, a velha deu um estralo e deu um estrondo que voou pedra para todos os lugares do mundo. E da cinzas da velha não se perdeu nada. Elas se transformaram nas onças pintadas, leões, gatos e todas as feras do mundo também surgiram a partir desse dia.



O homem que se casou com a cobra grande

Puyãmãwã

Um homem saiu para caçar. Chegando na beira do rio, havia um remanso muito grande e fundo. Era meio dia em ponto e ele resolveu fazer uma parada. Sentou-se e ficou olhando o remanso.

Logo depois, chegou uma anta com um jenipapo na mão. O caçador ficou observando tudo o que a anta fazia. Ela pegou a fruta, partiu-a em banda e jogou no meio do remanso. A água começou a se mexer. De repente, surgiu de dentro do remanso uma mulher de cabelo comprido. Ele pensou: “Mas que mulher bonita é essa?”.

A mulher saiu da água, veio para a praia e se abraçou com a anta. Ficaram ali namorando por alguns minutos e depois se despediram. Ela voltou para dentro da água e sumiu. A anta também subiu o barranco do rio e foi se embora. O caçador ficou admirado com tudo o que aconteceu e voltou para casa pensativo, porque tinha ficado apaixonado pela mulher. No dia seguinte, o caçador foi direto para o mesmo lugar e ficou escondido atrás de uma touceira de jarina. A anta chegou e aconteceu tudo como no dia anterior. O homem olhou bem para a mulher e ficou pensando em como ele iria fazer para conversar com ela.

No outro dia, bem cedinho, ele pegou uma fruta de jenipapo e seguiu correndo para o lugar que a anta se encontrava com a mulher. Chegando lá, partiu o jenipapo, jogou no meio do remanso e de novo se escondeu atrás da jarina. Passado um tempo, a mulher subiu, saiu fora da água, olhou e não viu ninguém. Ela pensou: “Mas quem foi que jogou jenipapo pra mim?”. Olhou para cima, para os lados, não viu ninguém e começou a voltar. Ela estava descendo o remanso, quando o homem foi devagarzinho por detrás dela e a agarrou. Ela deu uma gemida – mmmmmmm –, como cobra grande, e o enlaçou. Ele gritou: “A cobra está me matando!”. De repente, ela era de novo a mesma mulher, perfeita. Ela disse para ele: “O que tu veio fazer mesmo? Se você veio me fazer medo eu também vou fazer medo a você...”.

Ele perguntou: “Quem é você?”. “Eu sou uma cobra grande”. Mas o homem não acreditou. Ele estava encantado com a beleza da mulher e perguntou: “Tu mora aonde?”. “Eu moro nesse remanso”. “Tu faz o que no remanso?”. “Eu moro mesmo, minha casa é lá”. Ela também gostou dele e os dois começaram a namorar.

Ela perguntou: “Você quer morar comigo?”. Ele respondeu: “Quero, mas eu não posso, porque eu morro afogado”. “Mas eu dou um jeito”. Ela pegou uma folha e espremeu o sumo nos olhos dele. Quando ele abriu o olho, estava numa casona grande. Ela disse: “Eu moro aqui”. O jacaré, a arraia, o mandim, todos ficaram com raiva dele, com ciúmes da mulher. Mas eles viveram felizes.

Só que esse homem era casado e tinha deixado sete filhos pequenos. Sua mulher tinha ficado muito preocupada, pois não sabia o que havia acontecido com o marido. Ela sofria muito para criar os filhos.

Um dia, ela estava mariscando e encontrou um perequexé [tipo de peixe] dentro de um buraco. Ela lutou para arrancá-lo, mas não conseguiu. Quebrou todas as suas asas, mas não conseguiu tirá-lo. Ela começou a chorar: “Bode desgraçado! Eu estou sofrendo tanto porque meu marido sumiu, se ele estivesse vivo eu não estava sofrendo assim...”. Voltou para a casa chorando e pensando como ela iria fazer para dar de comer aos filhos.

Logo que a mulher se foi, o bode [bodó] saiu da toca e foi direto ao remanso em que o dito homem encantado morava com a sua esposa cobra. Ele estava fazendo flecha quando chegou um homenzinho pretinho, barbado.

O homenzinho perguntou: “Primo, o que você está fazendo?”. Ele respondeu: “Eu estou aqui fazendo flecha”. “Mas primo, por que tu não vai embora? Eu vi a sua mulher chorando, passando fome. Olha o que ela fez comigo, pelou minha cabeça todinha tentando me puxar pelo cabelo”. (Era o rabo do bode que ela tinha puxado de dentro do buraco). O homem perguntou: “Mas primo, como eu posso fazer para ir embora?”. O homenzinho perguntou: “Cadê a sua mulher?”. “Está fazendo caçuma ali”. “Então se segura aqui no meu braço”. O homem pulou em cima das costas dele. O bode subiu, chegou à tona da água e o jogou no seco. O bode disse: “Agora vá embora, primo! Vá embora logo mesmo! Mas não fique na sua antiga casa mais não, você vai procurar terra firme porque hoje vai dar uma chuva, vai dar uma alagação, e ela vai te procurar. Se ela te encontrar, ela te leva de volta”. Chegando em casa, o homem chamou a mulher, fez um tapiri em cima da terra e lá foram morar.

A cobra, com raiva, mandou uma grande tempestade. Choveu tanto que alagou tudo. A cobra saiu para procurá-lo,

mas não o encontrou.



O marido onça

Inũ vakehu hini

Era um homem que vivia junto com a mulher e a filha bebê. Um dia, na boca da noite, a menina começou a chorar. O pai dela disse: “Mulher, acalenta essa menina! Por que ela está chorando assim? Ela nunca chorou assim...”. A menina não parava de chorar, até que o pai se aborreceu: “Se quiser chorar, vá chorar lá fora!”. O pai pegou a filha e a deixou no meio do terreiro.

Nesse dia, a onça estava procurando algo para comer. Ela viu a menina no meio do terreiro e a carregou. Nessa hora, o bebê calou-se. A mãe disse para o pai: “Parece que alguém foi buscar a nossa filha pra dormir com ela?”. Eles não ligaram mais.

No dia seguinte, de manhãzinha, a mãe saiu perguntando, percorrendo as casas: “Qual de vocês pegou a minha filha que tava chorando ali ontem à noite?”. Uma mulher disse: “Ninguém, ninguém pegou sua filha, não. E pra que você foi deixar a sua filha no terreiro?”. “Foi o pai dela, não fui eu, não”. A mãe continuou procurando, mas ninguém tinha visto o bebê. Até que ela viu rastro de onça no terreiro: “Ah, foi a onça que comeu a minha filha!”. E começou a chorar.

Passaram-se muitos anos. Um dia, o homem estava caçando no meio da mata quando escutou uma voz cantando:

“Usha, ushawe, he.
Usha, ushawe, he.
Mia epã, ushaweai
Usha, ushawe, he.
Usha, ushawe, he.
In¼ vake, ushaweai
Usha, ushawe, he
Mia txatã, ushaweai

Ele pensou: “Mas quem será que está cantando ali no meio da mata?”. Ele se aproximou, a oncinha começou a rosnar: “hin, hin, hin”. A mãe dela perguntou: “Mas o que você está adivinhando, menina?”. Ela olhou para a mata, era o seu pai que vinha. Ela disse para a filha: “Ah, menina, é teu avô!”. Ela chamou: “Pai, vem aqui, sobe nesse pau!”. “Como que eu posso subir?”. “Espera aí que eu vou já tirar remédio pro senhor”.

Ela tirou remédio, desceu e passou no seu pai, no rosto e no corpo dele. Ele olhou de novo, o cipoal era uma casona grande! Era a casa onde a onça morava com a filha dele. Ela disse: “Agora sobe, papai”. Ele subiu. “Papai, meu marido é uma onça pintada. Às quatro horas ele está chegando”. “Minha filha, será que esse teu marido não vai me comer, não?”. “Não, papai, ele não vai comer o senhor, não”.

Às quatro horas, ele escutou a onça esturrar: “hum, hum, hum”. Ela disse: “Papai, ele já vem! E ele matou queixada, ele só grita pra mim quando ele mata queixada”. Ele estava chegando perto quando sentiu o cheiro e começou a rosnar. Ela disse para ele: “Pode vir, não tem ninguém aqui, não! É só o meu pai que está aqui, ele chegou hoje”. O marido dela chegou, jogou a queixada no terreiro, e foi falar com o sogro dele: “hum, hum, hum”. Sua filha disse: “Papai, ele está perguntando se o senhor veio morar aqui”. “Não, eu só vim aqui passear na casa de vocês”. O marido onça disse: “hum, hum, hum”.

Ele mandou sua mulher botar a carne no fogo para ele jantar. A carne estava começando a ferver quando ele disse – “hum, hum, hum” – “Tira a carne, tira a bóia que eu quero comer, já estou com fome. Depois você faz do teu jeito pra

comer com o teu pai”. Ela tirou a carne ainda crua, do jeito que onça gosta de comer. Depois botou de volta no fogo para comer com seu pai. Terminando de comer, foram dormir.

À noite, o velho estava deitado, o genro onça foi espiá-lo de perto. Ele estava cheirando-o e encostou seu bigode na cara dele. O velho estava dormindo, de repente levou um susto e gritou: “A onça vai me comer!”. A mulher dele acordou e perguntou: “O que tu está fazendo aí, marido?”. “Ah, é porque eu moqueei queixada e agora estou virando. O seu pai me viu e se assombrou comigo”. “Tu não vá mais pra lá, venha logo dormir!”. “Hum, hum, hum” – “Eu vou dormir”. Ele deitou-se e dormiu. No outro dia, bem cedinho, ele fez carga de palha para o seu sogro levar queixada. Ele arrumou bem direitinho e ficou um moquéem pequenininho. Disse – “hum, hum, hum” – “Está aqui, já fiz carga de queixada pro teu pai levar”. Ela disse: “Papai, está aqui. Teu genro fez carga de queixada pro senhor levar”. A onça disse – “hum, hum, hum” – “Diga a teu pai que só abra a carga quando chegar na casa dele”. “Papai, ele está pedindo pro senhor só arriar a carga quando chegar em casa”. O homem pegou a carga e foi embora.

No meio do caminho, ele pensou: “Tanta queixada que ele matou, aquele olhão, e só me deu esse moquequinho de carne. Eu vou já espiar o que tem dentro...”. Ele arriou a carga, desmanchou, e a carne se espalhou por todo canto. Era carne de queixada, de anta, de veado, de todas as qualidades. Ele pensou: “Agora sim... Como é que eu vou refazer esta carga?”. Ele lutou, mas não conseguiu: quanto mais arrumava, mais carne aparecia.

Então ele correu pra trás e foi falar com a filha: “Minha filha, eu vim aqui porque a carga se desmanchou. Eu fui pular o pau, a carga abriu e a carne se espalhou toda pelo chão”. Seu marido resmungou – “hum, hum, hum” – “Foi porque teu pai não levou a carga direito. Ele não foi pular pau, não. Foi ele mesmo que abriu pra espiar se tinha queixada muito”. Ele foi até lá com a mulher, ajeitou a carga do sogro de novo e ficou o moquequinho do mesmo tamanho. A onça disse: “Agora diga pro seu pai que não mexa mais na carga, só quando ele chegar na casa dele!” – “hum, hum, hum”.

Ele chegou em casa e mandou sua mulher forrar a esteira no terreiro. Jogou a carga em cima e se espalhou muita queixada moqueada. Eles comeram e ele contou para a mulher que tinha encontrado a filha deles. A mulher ficou muito animada: “Marido, bora logo buscar nossa filha!”. No outro dia, eles foram buscá-la. O marido dela veio também. Mas depois de poucos dias, eles o mataram. Só restou a filha deles e a oncinha.



História do macaco preto

Isudawa

Era um velho que saiu para caçar com seu filho, um rapazinho. Eles chegaram no meio da mata e encontraram um bando de macaco preto. Ele disse: “Meu filho, bora matar macaco preto pra nós voltar cedo pra casa!”. Eles flecharam muitos macacos e as flechas foram se acabando. O velho disse: “Meu filho, agora nós só temos duas flechas”.

A noite estava chegando, os macacos se amoitaram em um cipoal, eles resolveram dormir na mata. Ele disse: “Meu filho, amanhã nós vamos acabar de matar macaco e vamos embora”. Ele respondeu: “Sim, papai”. Escolheram um pau que tinha sacupemba, ele disse: “Meu filho, tu dorme nessa sacupemba que eu durmo na outra”.

No meio da noite, o macaco preto desceu e veio buscar o menino. Carregou o filho do velho. Às cinco horas da manhã, o pai chamou: “Meu filho, acorda pra nós acabar de matar macaco preto e ir embora pra casa!”. O menino não respondeu. O velho falou de novo: “Meu filho, acorda! Será que você está dormindo ainda?”. Ele olhou. O lugar onde o menino havia dormido estava limpo. Ele disse: “Meu filho não está aqui! O que foi que houve com meu filho?”. Procurou ao redor na mata e não o encontrou. Foi embora chorando e, quando chegou em casa, contou para sua mulher o que havia acontecido.

Um dia, depois de muito tempo, o macaco preto que tinha levado o menino disse para ele: “Bora passear na casa do teu pai?”. Ele disse: “Vamos!”. O velho estava limpando o roçado, o macaco e o menino chegaram até lá. Havia um pau no aceiro do roçado, o macaco ficou em cima, no galho, enquanto o menino desceu. Ele chegou perto e disse: “Pai! Pai!”. O velho não ligou. Ele chamou de novo: “Pai! Pai!”. Ele respondeu: “Quem está me chamando de pai? Eu não tenho mais filho nenhum, o filho que eu tinha sumiu”. O menino disse: “Sou eu, papai! Sou aquele que sumiu naquele tempo...”. O velho olhou para trás e viu o seu filho. Abraçou-se com ele, chorando.

O velho perguntou: “Meu filho, como foi que tu sumiu?”. “Papai, quem me levou foi o meu sogro”. (O macaco preto que o levou tinha lhe dado a sua filha para ser sua mulher). O velho perguntou: “Meu filho, quem é seu sogro?”. “Pai, meu sogro é aquele macaco que nós baleamos de flecha”. “Cadê ele?”. “Lá esta ele sentado no galho do pau”. O velho disse: “Chama ele pra vir aqui!”. O rapaz disse para o macaco: “Papai está te chamando!”. O macaco desceu, o velho o abraçou.

O rapaz disse: “Papai, eu estou junto com a filha dele”. Ele perguntou: “E cadê a sua mulher?”. “Ela ficou em casa”. “Vocês vão buscar ela que eu quero conhecer”. O filho disse: “Papai, minha mulher é macaca...”. “Mas eu não quero saber, quero ver ela assim mesmo!”. O filho respondeu: “Papai, hoje eu não posso vir, mas amanhã cedo eu venho. Amanhã a gente se encontra aqui”.

No outro dia, o pai do rapaz foi esperá-lo. Ele chegou com sua mulher, a macaquinha, e já tinham um filho. O macaco velho, sogro dele, também veio. O pai do rapaz convidou: “Agora, bora lá em casa!”. Passado um tempo, ele começou a cantar cantiga para matar macaco preto enfeitado. Cantaram, cantaram, até que o macaco velho e a macaquinha morreram secos. Só restaram o filho e o neto dele.



História do japó

Tukuruku Shādipahu

Um índio velho e sua mulher criavam um japó-galinha. Até que um dia ele cresceu e foi embora. A mulher ficou com muita pena: “Onde vou arrumar outro japó-galinha?”. Seu marido lhe disse: “Aqui nessa estrada tem um pé de cumaru onde tem ninho de japó-galinha. Toda vez que eu passo lá, eu vejo o japó dando de comer aos japózinhos. Amanhã eu vou lá pegar um pra você!”.

No outro dia, cedo, o velho mandou a mulher fazer comida: “Mulher, bora pegar o japó-galinha”. Chegando no pé de cumaru, ele disse: “Mulher, fica aqui embaixo que eu vou subir e pegar um filhote pra nós levar”. Mas tinha um homem que não gostava dele, porque queria conquistar sua mulher. Esse homem havia ido atrás deles. Quando o velho estava muito alto, já bem próximo do ninho, o homem cortou o cipó por onde ele subiu e carregou sua mulher. O velho gritou: “Rapaz, não faça isso comigo!”. Mas não teve jeito. O velho passou o dia lá em cima, no sol quente, com as abelhas e as cabas aperreando ele o dia inteiro.

Já era de tarde quando saiu uma mulher, varreu o terreiro dela, juntou o lixo. Ela ia jogar fora quando viu um velho sentado no galho do pau: “Quem é você?”. “Sou eu”. “Eu quem?”. “Eu vim pegar japó-galinha nesse pé de cumaru, mas o cara não gostava de mim por causa da minha mulher. Ele cortou o cipó e eu não pude mais descer. Agora estou aqui neste sofrimento”. A mulher disse: “Deixa meu marido chegar, ele anda caçando”. (O marido dela, justamente, era o japó-galinha que o velho tinha criado).

Às quatro e meia, o japó-galinha chegou cantando: “tukurukúúúú...”. Acabou de cantar e entrou dentro do ninho. A mulher lhe disse: “Marido, tem um velho sentado ali no galho do pau.” “Quem é esse velho?”. “Olhe você mesmo”. Ele saiu e viu que era seu pai de criação: “Mulher, por que você não trouxe meu pai pra cá?”. “Como eu poderia trazer?”.

O japó disse: “Papai, bora lá pra casa!”. “Meu filho, como eu posso ir pra dentro? Se eu for pra lá, eu caio”.

O japó saiu e buscou remédio. Passou no corpo e no rosto do velho e disse: “Feche os olhos, papai”. Ele fechou. “Abre os olhos, papai”. Ele abriu os olhos e estava dentro de uma casa bonita, com um terreirão grande. O japó passou a rede para ele se deitar e lhe deu de comer. Mas o velho estava aperreado, pois tinha muita pixilinga [piolho de galinha]: “Meu filho, eu vou sentar lá no terreiro”. “Não, papai, fique aqui mesmo”. “Não, eu vou pra lá”.

Ele estava se sentando quando chegou o matintapereira. Ele vinha assobiando e sentou-se ao seu lado: “Primo, o que você está fazendo aqui?”. Ele contou sua situação e lhe pediu: “Primo, faça um jeito pra eu ir pra casa...”. “Eu faço”. Pegou um rato, matou, e passou o sangue na pestana, na testa, no peito e no braço dele. Quando o velho percebeu, já estava lá embaixo. O matintapereira lhe disse: “Bem, primo, agora tu vai embora para a tua casa. Quando tu chegar perto, no pé de jaracatiá que tu derrubou pra tirar tandú [tipo de lagarta], tu arroteia e vai embora. Nosso primo tatu-canastro está comendo, mas tu não passa por lá”. O velho saiu andando, quando chegou perto de casa escutou: truco, truco, truco. Ele pensou: “Quem está comendo meu tandú?”. Continuou andando e topou com o tatu-canastro, cavando. Ele foi se afastando para trás, mas pisou em cima de um galho seco de pau – track! O canastro olhou e disse: “Primo, o que você está fazendo aqui?”. “Primo, eu estou aqui no sofrimento”. “Sofrimento, por quê?”. Ele lhe contou sua situação e pediu: “Primo, faça um jeito pra eu ir para casa, está pertinho mas eu não sei chegar, faça um jeito pra mim...”. O canastro falou: “Pode segurar aqui no meu braço, primo”. Ele segurou no rabo dele e o canastro o jogou para cima. Ele foi bater no céu de novo e de lá não tinha como voltar.

Um dia, ele estava sentado, triste, quando o urubu passou voando. Ele disse: “Ah, se esse urubu tivesse força de gente pra me levar lá pra casa... Tanta saudade que eu tenho da minha mulher e dos meus filhos!”. No instante seguinte estava um homem em pé, de nariz pequenino e olho encarnado, olhando para ele.

O velho perguntou: “Primo, quem é você?”. “Sou eu. Minha mulher me pintou de jenipapo e eu estava voando pra enxugar a pintura”. “Mas eu não estava falando com você, eu estava falando com o urubu!”. “Eu sou o urubu encantado”. “Ah, primo, faça um jeito pra eu ir pra minha casa...”. “Ainda hoje eu vi a sua mulher chorando e seus filhos com fome. Tu quer ir embora?”. “Quero”. “Então venha aqui, primo, monta em cima de mim, feche os olhos e só abra quando eu mandar”. O velho segurou nos dois cantos do urubu e fechou os olhos.

O urubu desceu. Chegaram no galho de um pau, o urubu parou: “Primo, abre os olhos primeiro, vamos tomar um fôlego aqui”. O urubu respirou e disse novamente: “Primo, fecha os olhos de novo”. O urubu desceu na terra: “Primo, agora pode ir embora, lá está a tua casa”. Ele encontrou sua mulher e os filhos chorando de fome.



História do Quatipuru

Kapa Yuxivu

Era uma mulher solteira que estava indo tomar banho no rio. Chegando perto do porto, ela viu um quatipuru cantando. Ela disse: “Ah, se esse quatipuru fosse gente pra viver comigo! As mulheres que têm marido não passam fome. Eles matam caça pra elas comerem e elas só me dão um pedacinho. Eu não tenho marido que faça nada por mim, minha vida é só passar fome...”. Nessa hora, o quatipuru calou-se.

A mulher estava tomando banho, um homem chegou. Ela perguntou: “Quem é você?”. Ele respondeu: “Sou eu. Eu estava lá no meu trabalho, estava achando graça porque o paiol do meu milho desmanchou-se e caiu, quando você passou ali dizendo que passava fome. Então eu vim te olhar!”. Ela perguntou: “Mas tu é o quatipuru?”. “Eu sou o Quatipuru encantado”. “Tu tem mulher?”. “Tenho não, sou solteiro”. Ele perguntou também: “E tu, tem marido?”. “Tenho não, sou solteira”. Ela disse: “Tu quer ir embora mais eu pra minha casa?”. Ele aceitou e perguntou: “Você não tem algum namorado por lá, não?”. “Não, sou só eu mesma”. Então ele foi. A mãe dela ficou muito alegre porque sua filha tinha arranjado marido e ele parecia ser muito trabalhador.

No outro dia, ele chamou: “Vamos mariscar?”. “Vamos!”. Foram a um igarapé que tinha muito peixe. Lá havia um poção grande. Ele disse: “Tu fica aqui, fecha os olhos e só abra quando eu mandar”. Ela se deitou, fechou os olhos. Ele pegou um canudo, encheu na ponta. O outro lá na ponta do remanso e outro mesmo no meio. Aí o remanso secou. Ele disse para a mulher: “Agora levanta!”. A mulher se levantou. Ela abriu os olhos e viu todas as qualidades de peixe. Ele disse: “Pega logo os peixes pra gente ir embora!”. Pegaram os peixes, fizeram a carga e foram embora. O Quatipuru recolheu o canudo, a água chegou de novo e o remanso voltou a ser o mesmo de antes.

Chegando em casa, a sogra dele ficou muito alegre: “Como foi que vocês pegaram tanto peixe?”. Ele respondeu:

“Pegando mesmo”.

O Quatipuru era mesmo muito trabalhador. Um dia ele chamou o cunhado dele: “Cunhado, bora reparar ali uma terra bonita pra nós colocar um roçado?”. O cunhado dele, um rapaz bem novinho, aceitou. Chegaram lá, o Quatipuru disse: “Cunhado, tu fica aqui. Do tamanho que nós vamos fazer o roçado, eu vou fazer o cerco”. Ele havia deixado o canudo dele e avisou: “Você não mexa esse negócio aqui. Fique no seu canto, me espera que eu vou fazer umas quebra-das ali”.

Ele estava na metade do serviço, quando olhou para trás e viu que o fogo já estava queimando tudo. O fogo queimou o roçado, queimou o menino, queimou tudo. O Quatipuru - “kas, kas, kas” - pulou no pau, pensou: “Ah, será que foi o meu cunhado que fez isso? Mas eu tinha pedido pra ele não fazer isso!”. Ele pegou o canudo de volta e foi apagar o fogo. Chegava pertinho, o fogo ia entrando dentro do canudo. Quando entrou tudo, ele tampou o canudo.

O Quatipuru olhou ao redor, não tinha sobrado nada, tinha queimado tudo mesmo. Ele pensou: “Pois agora, o que eu vou dizer para o pai do menino? Eu sei que vão me matar, o pai dele vai querer me matar e os irmãos também”. O Quatipuru estudou bem, pensou: “Vou tirar um barro bem ligado, vou fazer o menino”. Ele tirou o barro, fez o menino do tamanho que ele era. Fez a cabeça, o cabelo, as pernas, os braços, fez tudo. Tirou remédio, assoprou nele. Ficou do mesmo jeitinho que ele era antes.

Ele disse para o menino: “Cunhado, quando você chegar lá, você diga pro teu pai que eu estava cercando o roçado e que você passou o dia com febre. Não conta pro teu pai o que eu fiz!”. Ele respondeu: “Você não tenha medo que eu não vou contar nada pro papai”. Chegando lá, o pai dele perguntou: “Meu filho, o que tu tem? Está assim desse jeito, parece que está doente...”. “Papai, o meu cunhado estava fazendo cerco do roçado, eu passei o dia com febre hoje, deitado”. O velho não perguntou mais nada.

O Quatipuru fez o roçado, plantou muito milho, roça. Quando o milho estava maduro, ele disse: “Mulher, vai espiar o roçado, vai ver de que jeito está o milho”. A mulher disse: “Mamãe, bora espiar o roçado? Bora ver se o milho já está bom pra gente fazer caçuma e pamonha!”. O marido dela disse: “Diga pra sua mãe que ela não se admire com o roçado. Diga pra ela ir e voltar caladinha, pra ela não dizer nada”.

Chegando lá, viram o roçadão cheio de milho e roça. A velha ficou muito alegre e não se conteve: “Ah, meu genro

é muito trabalhador! Por isso ele está junto com a minha filha!”. A velha estava batendo palma, de repente virou canção [tipo de pássaro]. Ela subiu para o toco do pau e lá ficou cantando: “coã, coã, coã, coã”.

A filha gritou: “Mamããããe!!!”. Ela correu atrás do marido: “Marido, vem aqui! Você disse pra minha mãe não se admirar com o roçado, mas ela não se agüentou e agora ela está lá cantando feito gavião!”. O Quatipuru correu para lá. No caminho, tinha um calango dormindo, ele o pegou e, ao chegar, mostrou-o para a velha. Quando ela viu o calango, veio voando, descendo, chegou na terra. De novo, ela já era a mesma velhinha, do mesmo jeitinho.



História do Itika

Itika

Um homem morava distante dos parentes só com a mulher e três filhos. Um dia, ele mandou ela fazer muita caçuma que ele iria convidar seus parentes para beber. Ele saiu para voltar no outro dia e a mulher ficou só com as três crianças pequenas em casa.

Era de tardezinha quando ela ouviu o Itika (tipo de sapo) cantando – “hã, hã, hã, hã” – no pé de uma árvore, no aceiro do terreiro de casa. Ela disse: “Esse sapo só quer gritar aqui perto da minha casa! Se você fosse um homem vinha me fazer companhia hoje à noite. Não está vendo que eu estou sozinha e que o meu marido não está em casa?”.

Ela virou para o lado, estava um homem olhando para ela - canela fina, olho, cabeção, bunda seca. Ela ficou com muito medo e perguntou: “Quem é você?”. Ele disse: “Sou eu. Eu estava cantando e você desejou que eu fosse um homem. É por isso que eu estou aqui”. Ela falou: “Mas eu não disse com você não, eu disse com o Itika”. Ele respondeu: “Mas eu sou o Itika encantado”.

Ela disse: “Suba, meu tio! Quer beber caçuma?”. Ela foi à cozinha e trouxe para ele um vaso cheio de caçuma. Mal ela se virou para trás, ele engoliu a caçuma com vaso e tudo. A mulher esperou para ver se ele entregava o vaso de volta, mas ele não entregou.

Ela pensou: “Cadê meu vaso que eu entreguei a ele com caçuma, será que ele engoliu? Agora eu vou prestar atenção”. Ela perguntou: “Meu tio, quer caçuma de novo?”. “Quero, me dá mais um pouquinho”. Ela lhe deu em um vaso maior. Ela virou para o lado, ele engoliu o vaso de novo. A mulher ficou com muito medo, pensou: “Vixe, para onde é que eu vou?”. Ela disse para os filhos: “Meus filhos, vocês inventem que estão com diarreia pra nós ir pro mato, se não o Itika vai nos comer”. Eles disseram: “Mamãe, mamãe, estou com dor de barriga, eu quero cagar!”. O Itika disse:

“Vixe, esses seus filhos estão tudo com barriga ruim!”. Ela respondeu: “Estão tudo doente, meu tio, estão tudo doente! O senhor fique aqui que eu vou fazer eles cagarem e volto já”. O **Ītka** já tinha engolido todos os vasos com caiçuma. Ele falou para ela: “Vá, mas venha logo”.

Já era noite quando eles saíram. Ela disse para os meninos: “Meus filhos, corram!”. O marido dela tinha derrubado paxiubão no roçado e eles ficaram escondidos dentro do oco do pau.

O **Ītka** esperou muito tempo, mas eles não voltaram. Ele pensou: “Eu vou atrás. De mim vocês não vão escapar!”. Ele saiu atrás chamando a mulher, mas ninguém respondeu. Ele passou perto de onde os meninos estavam escondidos, a barriga deles estava roncando, ele escutou mas pensou que era tandu [tipo de lagarta] comendo miolo de pau. Ele pensou: “Ah, se eu tivesse trazido machado, ia já tirar esse tandu pra comer!”. Ele dizia: “Cala a boca, tandu! Cala a boca tandu! Depois eu venho te buscar pra te comer!”. Ele voltou para a casa dela, comeu tudo o que tinha, e foi cantar dentro do oco do pau de novo.

A mulher só voltou para casa quando o dia amanheceu. O marido chegou com os parentes e perguntou: “Mulher, cadê a caiçuma?”. Ela contou o que tinha acontecido. Ela disse: “Ainda agora de manhã ele estava cantando aqui nesse oco de pau”. O marido falou: “Bora matar!”.

Eles pegaram o machado e derrubaram o pau. O pau caiu no chão, espocou a barriga do sapo, a caiçuma se espalhou e quebrou o vaso que estava dentro da barriga dele. O **Ītka** morreu esmagado.



História da Rata

Baka Yuxivu

Um homem vivia com a mulher e com seus três filhos. A mulher estava gestante e já estava perto de parir, ela já estava sofrendo. Havia uma velha que operava as mulheres fazendo o parto. Seu marido disse: “Mulher, eu vou buscar a velha, se eu não chegar hoje, amanhã de manhã cedinho eu chego”. A mulher passou o dia sofrendo.

Já estava anoitecendo, quando ela ouviu as catitas, os ratinhos piando: “tiziú, tiziú, tiziú, tiziú”. Ela disse: “Ah, se essa ratinha fosse gente pra me fazer companhia! Eu estou sozinha, meus meninos estão chorando e eu estou sofrendo pra ganhar neném...”. O ratinho calou-se.

A mulher virou-se para o lado, estava uma mulher em pé - canelinha fina, olhão - espiando ela. A mulher perguntou: “Prima, quem é você?”. “Sou eu”. “O que tú anda fazendo?”. “Olha, eu vim aqui porque você disse que estava sofrendo e que seus meninos estavam chorando”. “É isso mesmo, prima, meu marido foi buscar a velha que opera pra tirar a criança. Por isso eu disse pra você me fazer companhia aqui”. “Prima, eu ganhei meus meninos ainda agorinha. Por que tu não ganha logo esse neném sem precisar dessa velha?”. “Como que eu posso ganhar esse neném?”. “Essa é a coisa mais fácil! Se tu quiser, eu vou buscar remédio”. “Se tu fizer esse favor pra mim, prima, eu fico gostando de você”. “Então espera, me dê um facho aí”. Ela acendeu o facho e saiu para a mata. A Rata andou um pouquinho e logo achou o remédio para a mulher ter filho ligeiro. Ela voltou e disse: “Está aqui, prima, tu quer que eu passe?”. “Quero”. Ela fez o preparo e passou na barriga da mulher. Em pouco tempo a criança nasceu. A Rata disse: “Está vendo, prima, se aquela velha viesse aqui, tem delas que matam a mulher pra comer! Se ela viesse, ou lhe matava, ou lhe tirava a criança”. A mulher ficou muito agradecida.

O marido dela chegou no outro dia bem cedinho. Vendo que a mulher já tinha ganhado neném, ele ficou muito

alegre. Ela perguntou: “Marido, cadê a velha?”. “A velha vem aí atrás, já está pra chegar”.

A velha chegou, entrou na casa e perguntou: “Cadê a mulher?”. Ele disse: “Ah, velhinha, a minha mulher já teve a criança!”. A velha reclamou: “Então pra que tu foi me buscar tão longe? Eu fiz essa viagem de acolá pra cá e, quando chego aqui, a tua mulher já tem ganhado neném?!”. “Ah, mas ela já ganhou mesmo, já tem criancinha, quer ver?”. A velha foi ver a criança, mas não foi com gosto. Depois foi embora, com raiva. Na boca da noite, a mulher contou para o marido o que havia acontecido. Ele ficou muito agradecido e mandou chamar a Ratinha. Ela chegou e lhes contou qual o remédio ela tinha usado: “Mas você não diz que fui eu que fiz. Agora, remédio tem aqui, tem folha pra tirar pra toda vida!”. (Até hoje o nosso povo Shawādawa conhece essa folha para mulher parir ligeiro).



História do Tejuaçu

Sheke Yuxivu

Morava um homem sozinho com sua mulher e um menino pequeno.

Naquele tempo, o milho só amadurecia depois de um ano. Eles haviam plantado muito milho, mas ainda estava verde. Para não passar fome, eles comiam curi, uma frutinha da mata.

O marido tinha ido colher curi e a mulher estava em casa sozinha, deitada. Ela estava olhando para o terreiro quando passou um tejuaçu [calango grande]. Ela disse: “Ah, se esse tejuaçu fosse gente pra me fazer companhia.... Meu marido vive andando na mata, eu fico aqui sozinha, passando fome, não tem nada pra eu comer”. O tejuaçu sumiu.

A mulher olhou de novo para o terreiro, estava uma mulher em pé. Era uma mulher bonita, de cabelo comprido. A dona da casa perguntou: “Quem é você?”. “Sou eu. Eu passei jenipapo no meu corpo e estava passando no sol quente pra enxugar quando você falou comigo, então eu vim te olhar”. “Não, prima, eu não falei com você, eu falei com o tejuaçu”. Ela respondeu: “Pois eu sou a Tejuaçu! Eu sou a Tejuaçu encantada”.

A mulher disse: “Prima, eu disse aquilo porque eu passo muita fome. Meu marido plantou milho, mas ainda vai custar pra amadurecer”. “Que nada! Tanto milho maduro aí e você passando fome!”. Ela respondeu: “Não, o milho não está maduro, só está bonecando agora”. “Então me dê o panelo. Você vai ver como eu vou trazer milho maduro”. A mulher lhe deu o panelo, mas sem fé. A Tejuaçu saiu na direção do roçado.

Com pouco tempo, a Tejuaçu chegou de volta, com o panelo cheio de milho maduro: “Está aqui, prima, você disse que seu milho estava verde, o seu milho está passando da hora!”. A mulher perguntou: “Mas, prima, onde foi que você achou milho?”. “Foi no seu roçado mesmo”. Elas ralaram o milho, fizeram pamonha e caçuma.

A Tejuaçu falou: “Prima, eu fiz isso, mas você não conte pra ninguém. Todo dia, quando você quiser fazer pamo-

nha, eu venho quebrar milho pra você, mas você não conte o que eu fiz. No dia que eu souber que você contou, você vai deixar de comer”.

À tardinha, o marido dela chegou debaixo de uma chuva medonha, todo molhado. Ele sentou-se na beira do fogo, a mulher tirou pamonha e caçuma para ele comer. Ele perguntou: “Mulher, aonde foi que você arranjou milho pra fazer pamonha e caçuma?”. Ela respondeu que foi do roçado deles. Ele insistiu: “Mas de onde, que eu vejo tudo verde?”. “Foi daí mesmo, não foi de outro canto, não”.

Depois de comer, ele saiu para ver de onde a sua mulher tinha tirado milho. Ele entrou no roçado, olhou em todo canto, o milho não estava quebrado. Ele pensou: “De onde foi que essa mulher arranjou milho pra fazer pamonha?”. Mas ele não perguntou mais e ela nunca contou a ele. Por isso, continuaram sempre comendo milho maduro.



História do Besouro

Hupa Yuxivu

Uma mulher morava só com os filhos. Um dia, ela saiu para mariscar e viu um besouro no caminho. Ela disse: “Esse besouro só fica voando aqui na minha frente! Se você fosse um homem, procurava alguma coisa pra eu comer!”.

Ela virou-se para o lado, tinha um homem bonito na sua frente. Ela levou um susto e perguntou: “Quem é você?”. Ele respondeu: “Eu sou o Besouro que você me desejou”. Ela disse: “Eu não falei com você não, foi com um besouro!”. Então ele disse: “O Besouro sou eu”. Como ela não tinha marido, ficou morando com ele.

Desse dia em diante, sua vida melhorou bastante, porque ele era muito procurador. Mas todo dia ele só trazia tandu [tipo de lagarta], era a única coisa que ele trazia para ela comer. Ela começou a desconfiar.

Um dia, ele saiu para caçar e ela foi atrás, bem devagarzinho, sem ele perceber. Ele já estava bem distante, pensando que estava sozinho. Cortou algumas palhas de sororoça, forrou o chão e começou a coçar a cabeça. Os piolhos começaram a cair - era a comida que ele levava para sua mulher comer. A mulher viu e ficou muito brava, deu um grito tão forte que ele se assustou. Ele ficou com muita vergonha, transformou-se no besouro novamente e foi embora.



História do Canoeiro

Tua Yuxivu

Era uma mulher viúva que passava muita fome. Todo dia ela reclamava: “Eu não como nada, esse pessoal mata caça e não me dá nenhum pedacinho pra comer...”. Ela vivia reclamando.

Um dia, ela estava tomando banho às seis horas da tarde. O sapo canoeiro estava cantando - “tua, tua, tua”. Ela disse: “Ah, se esse canoeiro fosse gente! Eu passo tanta fome, eu vejo o marido dessas mulheres matarem tanta caça. Elas comem e passam bem. Eu queria que o canoeiro fosse homem para se casar comigo...”. O canoeiro parou de cantar.

Ela saiu do banho e estava subindo o barranco quando viu um homem parado na sua frente. Ele tinha a canela fina, um cabeção e os olhos grandes. Ela perguntou: “Quem é você?”. Ele respondeu: “Sou eu”. “Eu quem?”. “Sou eu. Eu estava torrando o milho quando você passou e desejei que eu fosse gente pra matar caça pra você comer. Então eu vim te olhar, pra saber por que você estava dizendo isso”. Ela respondeu: “Mas eu falei foi com o canoeiro!”. Ele respondeu: “Pois eu sou o Canoeiro encantado! Eu não sei por que você está passando fome, com tanto peixe aqui no rio!”. Ela disse: “Eu passo muita fome... Os maridos das mulheres matam muita caça, mas elas só me dão um pedacinho”.

O Canoeiro deu à mulher a sua pá de fabricar peixe, mas pediu que ela não contasse a ninguém. Ela prometeu que não contaria. Ele disse: “Olhe bem, no dia em que eu souber que você contou, eu venho buscar a pá de volta”. O Canoeiro lhe ensinou a fabricar peixe: “Pegue um camburão grande, coloque água, deixe ferver e mexa com a pá”. Ela levou a pá alegre e satisfeita.

No outro dia, ela disse: “Bem, agora eu vou arrancar roça pra eu comer”. Ela arrancou roça e cozinhou. Depois carregou água, colocou dentro do camburão e botou no fogo. Quando a água estava fervendo, ela mexeu com a pá e de repente começou a aparecer todo tipo de peixe: surubim, pacu, curimatã...

Desse dia em diante, ela começou a passar muito bem. As outras mulheres reclamavam: “Como é que essa mulher faz isso? Como ela faz peixe no camburão, assim?”. Uma mulher lhe perguntou e ela respondeu que fazia assim mesmo, do jeito dela.

Um dia, ela arrancou roça para comer, cozinhou e botou a água para ferver. Enquanto estava mexendo, ela disse: “Eu só como peixe assim porque meu primo me deu a pá dele pra eu fabricar o peixe, é assim”. Ela cozinhou o peixe, comeu e guardou a pá em um buraco. Mas o Canoeiro havia escutado a conversa dela. À noite, ele pegou a pá de volta e em seu lugar deixou uma outra pá que não valia nada.

No outro dia, como de costume, depois de cozinhar a macaxeira, ela botou o camburão no fogo. Quando a água ferveu, ela mexeu com a pá, mas os peixes não apareceram. Ela derramou a água, encheu o camburão de novo e o colocou para ferver. Ela tornou a mexer com a pá e nada de peixe. Ela disse: “Por que está assim?”. Então se lembrou que ela própria já havia falado o segredo. Olhou para a pá e percebeu que já não era mais a pá do Canoeiro. Ela se aborreceu, jogou a pá no mato e foi chorar sentada.



História da mulher de barro

Bapu Yuxivu

Um homem morava sozinho e vivia muito triste. Um dia, ele olhou para o lado de casa e viu um pote de barro. Ele sentiu um grande desejo e disse: “Esse pote só aqui na minha frente! Se você fosse uma mulher, era minha companheira e fazia as coisas para mim”.

Quando ele olhou para o lado, tinha uma mulher olhando para ele. Ele ficou muito assustado e perguntou: “Quem é você?”. Ela respondeu: “Eu sou aquele pote que você me desejou”. “Eu falei, mas não foi com você, foi com o pote”. “Pois o Pote sou eu!”. Como o pote tinha se transformando em uma mulher bonita, foi realizado o casamento e eles foram muito felizes.

Um dia, ele a levou para caçar. Ela lhe disse que não podia pegar chuva e então ele a deixou em um tapiri. Mas o tapiri estava mal feito, a cobertura era velha e estava gotejando dentro. Ele estava distante, caçando, e ela tinha ficado sozinha. Deu uma chuva forte e como ela era de barro cru, a chuva bateu em cima e ela derreteu.

O homem voltou e só viu o monte de barro derretido. Ele ficou muito triste e continuou morando sozinho, como antes.



A anta e o jabuti

Awa Yuxivu

Havia um pé de jenipapo com muita fruta caindo. O jabuti passou por lá, pensou: “Ah, meu mamão já está bom de comer, já está caindo!”. O jabuti comeu e saiu. À tarde, a anta chegou procurando: “Cadê o meu mamão?”. O jabuti já tinha comido tudo. A anta disse: “Ah, foi o meu primo jabuti que comeu. Ele podia ter deixado ao menos dois pra mim...”. A anta foi embora.

No outro dia, a anta chegou e o jabuti já estava comendo jenipapo. A anta não ficou satisfeita, ficou com raiva do jabuti. Ela perguntou: “Primo, esse pé de mamão é de quem? Foi você que plantou ou fui eu?”. O jabuti disse: “Fui eu, primo”. “Não, primo, negativo, quem plantou esse pé de mamão fui eu! Sou eu o dono desse pé de mamão, mas você está comendo mais do que eu. Você podia deixar ao menos um bocado pra eu comer!”. O jabuti respondeu: “No outro dia que eu passei aqui, eu vinha com fome e comi. Hoje eu comi um bocado e ainda deixei um bocadinho pra você”. A anta, com raiva, disse: “Não, só tem mamão podre! Eu não vou comer mamão podre!”.

Passou um tempo, a anta disse para o jabuti: “Primo, vamos conversar nós dois? Vamos contar as histórias passadas...”. Tinha um pau caído, a anta e o jabuti ficaram sentados, conversando, contando casos.

A anta disse: “Primo, vou te pedir uma ajuda, não sei se você vai aceitar...”. “O que é, primo?”. “Eu quero que você ceda um negócio pra mim...”. “Eeeeu, primo? Nããão... Não sou mulher, não! Sou homem como você, primo!”. A anta insistiu: “Primo, me concede, eu quero txuta [transar] com você!”. “Não, primo você tem o pajá [pênis] muito grande, você me mata!”. “Mas primo, eu boto só a metade...”. Então o jabuti disse: “Cadê, me mostra?”. A anta puxou o pênis, era muito grande. O jabuti olhou, disse: “Assim você me mata, primo!”. “Mato, não, eu boto só metade”. Então ele pensou: “Ele quer brincar comigo, eu vou consentir, mas vou matar e comer ele”. O jabuti consentiu.

A anta penetrou o jabuti, mas seu pênis era tão grande que o atravessou e saiu pela sua boca. O jabuti – traco! -, o mordeu com os dentes e a anta começou a gritar: “Primo, solta! Solta, primo! Eu estou brincando, primo! Solta, solta, solta! Você me mata, primo!”. Mas o jabuti fisgou, mordendo, segurando. A anta correu, caiu dentro d’água, entrou no balseiro para ver se o jabuti largava, mas ele continuava fisgado. A anta foi cambaleando até uma sacupemba, batia no pau com o jabuti – pal! pal! pal! -, mas o jabuti não soltava. Então andou até um pé de pupunha, batia no pau cheio de espinho, mas o jabuti encolhia a cabeça, as mãos e os pés e não largava. A anta correu para dentro da água de novo e o jabuti continuava fisgado.

A anta foi ficando mole, até que caiu, parecendo que estava morta. O jabuti esticou o pescoço, a anta ainda estava piscando o olho. O jabuti pensou: “Ele ainda não morreu”. Castigou-o ainda mais, até que a anta morreu. O jabuti espiou se ele estava respirando, se estava piscando o olho. A anta já estava morta. Ele disse: “Ah, seu desgraçado, você fez aquilo comigo, agora vou te comer! Vou chamar meu pessoal pra te comer!”. Ele chamou seu pessoal, eles vieram e comeram a anta todinha.

